



JOCELANE FERNANDA CRUZ

**A INTERSECCIONALIDADE NOS CONTOS DE *OLHOS D'ÁGUA*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Três Corações-MG

2020



JOCELANE FERNANDA CRUZ

**A INTERSECCIONALIDADE NOS CONTOS DE *OLHOS D'ÁGUA*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), como parte das exigências do Programa de Mestrado em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Richartz.

Três Corações-MG

2020

82.09

C955i CRUZ, Jocelane Fernanda

A interseccionalidade nos contos de *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo– Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2020.

96 fls. il

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Richartz

Dissertação – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações/ Mestrado em Letras.

1. Conceição Evaristo. 2. Literatura afro. 3. Interseccionalidade. 4. Violência. I. Prof. Dra. Terezinha Richartz. II. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA POR JOCELANE FERNANDA CRUZ, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE Mestrado EM LETRAS

Ao primeiro dia do mês de outubro de dois mil e vinte, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor), Profa. Dra. Aline Alves Arruda (IFMG) e Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor), para examinar a candidata Jocelane Fernanda Cruz na defesa de sua dissertação intitulada: “A INTERSECCIONALIDADE NOS CONTOS DE OLHOS D’ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO”. O Presidente da Comissão, orientadora da pesquisa Profa. Dra. Terezinha Richartz, iniciou os trabalhos às 14:00 horas, solicitando à candidata que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente a candidata sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 15:50 horas, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Profa. Dra. Terezinha Richartz (aprovada), Profa. Dra. Aline Alves Arruda (aprovada) e Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (aprovada). Em vista deste resultado, a candidata Jocelane Fernanda Cruz foi considerada aprovada, fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras.

Três Corações, 01 de outubro de 2020.

Novo título (sugerido pela banca):



Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor)



Profa. Dra. Aline Alves Arruda (IFMG)



Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor)

**A liberdade nunca é voluntariamente
oferecida pelo opressor. Deve ser exigida
pelo oprimido.**

Martin Luther King Jr.

AGRADECIMENTOS

No decorrer desses dois anos de caminhada, pude contemplar a história e luta das mulheres negras. Os contos de Conceição Evaristo e sua escrita reivindicatória muito contribuíram para meu crescimento como ser humano, podendo admirar a trajetória dessa escritora e as mensagens que ela nos traz com sua literatura viva e real, que nos toca na alma.

Por isso, agradeço a Deus pelas bênçãos e proteção que sempre me reservou no decorrer da minha caminhada.

Agradeço a meu filho João Gabriel, que muito me apoiou sendo um filho companheiro e suportando minhas ausências durante minhas pesquisas e estudos. Agradeço a minha mãe que sempre me incentivou nos estudos e me mostrou, desde cedo, que é através da leitura e estudos que conseguimos mudar nosso lugar no mundo. Agradeço aos meus amigos e familiares que compreenderam minha ausência e sempre torceram por mim.

Agradeço as minhas colegas de trabalho que, várias vezes, ficaram com a minha turma para que eu pudesse assistir às aulas. Em especial à professora Maria Aparecida Estevão que, no começo do curso, me ajudou e me deu muita força.

Agradeço a minha orientadora, professora Dr. Terezinha Richartz, pela educação e paciência e pela generosidade de partilhar comigo o seu saber, pelas sugestões de leitura e por todos os livros emprestados.

Sou grata aos demais professores do curso de mestrado: professor Dr. Luciano Cavalcanti, professor Dr. Renan Belmonte Mazzola, professora Dra. Thayse Figueira Guimarães, por compartilharem seus conhecimentos com tanto empenho e dedicação.

Agradeço à professora Dra. Cilene Margarete Pereira, por seus valiosos apontamentos na qualificação deste trabalho e pelo grupo de estudos com suas brilhantes discussões e que contribuíram muito para meu crescimento.

A meu pai Ovídio Fernando da Cruz e minha avó Sebastiana Fernandes da Cruz, que não mais se encontram nesse mundo, mas que sempre me impulsionaram na busca do saber e deram o melhor de si para que eu me tornasse o que sou hoje.

Agradeço à Universidade Vale do Rio Verde, à secretária da educação Lisa Paula Vilela e ao prefeito Dr. Cláudio Pereira pelo financiamento dessa pesquisa.

Por fim, agradeço por ter aprendido o quanto as mulheres, em especial, as afrodescendentes, lutaram e lutam para se fazerem ouvir.

RESUMO

Olhos d'água é um livro de contos vencedor do prêmio Jabuti, em 2015, escrito por Conceição Evaristo. Nesse romance, a autora apresenta, através dos seus contos, como se dá a vida de um grupo subjugado socialmente através do gênero, raça/etnia e classe. O objetivo principal desse trabalho é refletir como os três nós de exclusão social: gênero, raça/etnia e classe social se interseccionam na construção do sujeito feminino presente nos contos de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. A própria Conceição Evaristo, mulher, negra, nasceu em uma favela em Belo Horizonte. Sua escrita está ligada ao grupo de que faz parte e ela se torna uma articuladora de todas essas vozes, acerca das violências sofridas por essas pessoas, tanto no passado como no presente. Como a obra escolhida é composta por 15 contos, com um vasto elenco de personagens femininas, nesse estudo, nos detemos a analisar quatro contos em que as personagens apresentam os três nós (gênero, raça/etnia e classe). Esses contos são os seguintes: “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Olhos d'água” e “Ana Davenga”. Revelamos o quanto esses nós dificultam a vida dessas personagens que serão vítimas de alguma forma de violência. Estes textos permitem conhecer a realidade socioeconômica vivenciada por mulheres pobres e negras, características que as relegam à margem de uma sociedade que se pretende "democrática", porém, através das ações e palavras, exclui os seres subalternizados. Conceição Evaristo, a partir da escrevivência, reivindica respeito e igualdade por questões étnicas, por pobreza, no caso das mulheres, de gênero, uma vez que a inserção em uma sociedade patriarcal, sexista, dividida em classe social e racista impõe sofrimento potencializado ao ser.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Literatura Afro, Interseccionalidade, Violência.

ABSTRACT

Olhos d'Água is a short story book that won the Jabuti award in 2015, written by Conceição Evaristo. In this novel, the author presents, through her short stories, how the life of a socially subjugated group takes place through gender, race / ethnicity and class. The main objective of this work is to reflect how the three nodes of social exclusion: gender, race / ethnicity and social class intersect in the construction of the female subject present in the tales of *Olhos d'água*, by Conceição Evaristo. Conceição Evaristo herself, a black woman, was born in a slum in Belo Horizonte. Her writing is linked to the group of which she is a part and she becomes an articulator of all these voices, about the violence suffered by these people, both in the past and in the present. As the chosen work is composed of 15 stories, with a vast cast of female characters, in this study, we stop to analyze four stories in which the characters present the three nodes (gender, race / ethnicity and class). These tales are as follows: "Maria", "How many children did Natalina have?", "Olhos d'Água" and "Ana Davenga". We reveal how these knots make life difficult for these characters who will be victims of some form of violence. These texts make it possible to know the socioeconomic reality experienced by poor and black women, characteristics that relegate them to the margins of a society that claims to be "democratic", however, through actions and words, excludes subordinated beings. Conceição Evaristo, from the clerk's office, claims respect and equality for ethnic issues, for poverty, in the case of women, of gender, since the insertion in a patriarchal, sexist society, divided into social and racist class imposes potentialized suffering on being.

Key Words: Conceição Evaristo; Afro Literature; Intersectionality; Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. LITERATURA DE MINORIAS	15
2. CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRIVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA	26
3. A INTERSECÇÃO ENTRE RACISMO, POBREZA E PATRIARCADO	43
4. A CONTRUÇÃO DO FEMININNO EM <i>OLHOS D'ÁGUA</i> DE CONCEIÇÃO EVARISTO	56
4.1 A ancestralidade no conto “Olhos d’água”	56
4.2 A quebra de paradigmas sociais no conto “Quantos filhos Natalina teve?”	63
4.3 A violencia no conto “Ana Davenga”	70
4.4 A subalternidade feminina no conto “Maria”	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Essa dissertação¹ tem como objeto de pesquisa a construção do sujeito feminino nos contos: "Olhos d'água", "Ana Davenga", "Quantos filhos Natalina teve" e "Maria", no livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo.

Em 2014, a editora Pallas publicou a coletânea de contos *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. O livro traz quinze contos relacionados ao sujeito feminino negro e pobre e também um sobre criança e um sobre homossexualidade. Conta a história de várias mulheres e a violência sofrida por elas: seja de cunho emocional, físico ou moral. Nossa intenção é apresentar ao leitor a obra de Conceição Evaristo, como sujeito feminino negro, capaz de denunciar os sofrimentos sociais sofridos por essas mulheres. Os contos selecionados trazem como essa tríade temática (gênero, raça/etnia e classe) afeta a vida dessas mulheres.

O livro *Olhos d'água* trata dos excluídos socialmente. Apresenta histórias marcadas pelo sofrimento e lutas enfrentadas pelas classes sociais desprivilegiadas. Fala de amor, empregadas domésticas, prostitutas e tabus sociais (aborto, prostituição, trabalho infantil).

Pretendemos mostrar que *Olhos d'água* assume importantíssimo papel por romper com paradigmas sociais impostos por anos e por dar destaque à mulher negra enquanto autora de sua própria história (GOMES, 2017, p. 7).

Pesquisadores têm produzido trabalhos significativos sobre Evaristo e a literatura e cultura afro-brasileiras. Em pesquisa, no ano de 2017, sobre a obra da escritora, encontramos, no banco de teses, 96 dissertações e teses a respeito da mesma. Essas dissertações/teses tratam do sujeito feminino e negro (15), narração, poesia, oralidade (6), menores (2), memórias (3), violência (5), identidade (4), patriarcado (1), identidade cultural (1), deslocamento urbano (1). Durante o desenvolvimento do nosso trabalho, evocaremos algumas dessas dissertações como fortuna crítica.

Alguns destes trabalhos acadêmicos também analisam a condição do elemento feminino negro retratado por Evaristo. Alguns artigos em *sites*, especialmente aqueles publicados no *site* Literafro da UFMG, também ressaltam a importância da obra de Evaristo. Em seu caso, são experiências marcadas pelas lembranças dos sofrimentos da escravidão, pela luta cotidiana de todas as mulheres negras e pela esperança de novos tempos depositada na nova geração. Por meio das experiências individuais, a autora expressa as experiências coletivas, as experiências de sua comunidade (FERREIRA, 2018, p. 1).

¹ Essa pesquisa está associada ao Grupo de Pesquisa do CNPQ, sediado na Universidade Vale do Rio Verde, que tem como proposta de estudo manifestações culturais e artísticas de Minas Gerais.

No espaço acadêmico brasileiro há cursos, seminários, projetos de pesquisa, artigos publicados, edições de revistas, dissertações e teses que abordam suas obras. Seguem alguns desses trabalhos que tratam da obra de Conceição Evaristo: *Igual a todas, diferente de todas: a recriação da categoria "Mulher" em Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Rafaela Dias (2015): dissertação de Mestrado que procura entender como, ao incorporar em suas personagens inúmeros eixos de subalternidade, a autora delinea a imagem de femininos coadunados, apesar de plurais; *A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*, de Elisângela de Oliveira Gomes (2017), trabalho que mostra que *Olhos d'água* assume importantíssimo papel na crítica literária por romper com paradigmas sociais impostos por anos, e por colocar a mulher negra em papel de destaque enquanto autora de sua própria história.

Adriana Souza Pontes, em sua dissertação intitulada *Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo*, trata de dois romances da autora: *Ponciá Vivêncio* e *Becos da memória*. Analisa como são representadas as personagens femininas negras na escrita de Conceição Evaristo. Janice Souza Cerqueira, em sua dissertação *Da literatura Afro-Brasileira à poesia Afrofeminina de Conceição Evaristo*, trata de uma discussão a respeito da produção poética da escritora mineira, considerando sua condição, seus temas e sua linguagem. Fernanda Felisberto da Silva, com sua tese de doutorado intitulada *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*, examina as experiências individuais das autoras e analisa como o tema da afetividade é tratado entre as autoras escolhidas e investiga a relação de gênero, raça x autoria na construção de intelectuais negras.

Bárbara Araújo Machado, em sua dissertação *"Recordar é preciso": Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro contemporâneo (1982-2008)*, apresenta a questão geral de sua pesquisa tratando da relação entre literatura e militância e, mais amplamente, entre cultura e política no movimento negro brasileiro contemporâneo. Em particular sobre a trajetória da obra literária da escritora negra Conceição Evaristo, considerada uma intelectual orgânica. Camila Morgana Lourenço (Unilavi), com um artigo intitulado *"O lugar 'não lugar' da mulher afro-brasileira na poética de Conceição Evaristo: uma leitura de Olhos d'água"* fala sobre o feminino afrodescendente, assumindo a dianteira dos enredos pelo recorte operado sobre o circunstancial do cotidiano insalubre dessas mulheres. Nesse sentido, ao estetizar tal feminino nas narrativas e fomentar a constituição de uma nova estética literária marginal nacional, o interesse artístico da escritora

parece também residir na possibilidade de tocar a história e/ou renunciar a própria história. *Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na literatura afro-brasileira contemporânea em Olhos d'água de Conceição Evaristo* busca, por meio da análise do conto “Olhos d'água”, discutir a representação da mulher negra na literatura brasileira, tratando da importância da autorrepresentação dessa figura nas narrativas afro-brasileiras contemporâneas e mostrando como a ancestralidade africana, por meio da memória, pode propiciar uma reflexão sobre o silenciamento e a estereotipização que formaram as identidades das mulheres negras em nosso território.

Maria Paula de Jesus Correa publicou um artigo na Revista *Via Atlântica*, intitulado “*Olhos d'água* de Conceição Evaristo”, em que fala, principalmente, sobre o racismo, mas também sobre imposições econômicas e tensões de gênero. Eduardo Souza Ponce e Maria Carolina de Godoy escreveram um artigo intitulado “Ancestralidade e Identidade em ‘Olhos d'água’ de Conceição Evaristo”, onde buscam verificar como o conto apresenta a necessidade de reatar o elo com a ancestralidade, a hereditariedade. Ana Carolina Genésio Rodrigues e Maria Aparecida Nascimento de Almeida, da Universidade Estadual de Paraíba, publicaram um artigo intitulado “Recortes da Subalternização Feminina em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo”, em que destacam a escrevivência de Conceição Evaristo no livro referido onde a escritora enfatiza o sofrimento de uma coletividade, subalternizada pelo racismo e preconceito social.

Constata-se que o sofrimento apresentado pelas personagens Ana Davenga e Maria, do mesmo livro, e a observação ficcional a partir da realidade brasileira em que as personagens são vítimas da “banalização da violência” mostram que a arte imita a vida. Samea Rafaela Lopes da Silva Diógenes e Sebastião Marques Cardoso publicaram o artigo “Representações do corpo subalterno da mulher negra em contos de Conceição Evaristo”, no qual analisam a produção literária afro-brasileira da escritora Conceição Evaristo com o intuito de fazer uma análise dos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”, buscando demonstrar que, através da escrita da autora, apresenta-se uma escrita que não exclui nem discrimina a mulher negra. Larissa Lopes Flois escreveu o artigo: “Olhos d'água” (2014) de Conceição Evaristo-gênero e violência contra a mulher na cultura brasileira”, em que aborda a temática das desigualdades e discriminações que as mulheres sofrem na sociedade brasileira tratando de conceitos como: misoginia, feminicídio e sexismo praticados na cultura brasileira que aumentam os casos de crimes de gênero por homens que acham ter posse sobre as mulheres, revelando, assim, o ódio ao feminino.

Eliza de Souza Silva Araújo e Liane Schneider publicaram o artigo: "Ana Davenga, de Conceição Evaristo: A língua plural do corpo". Neste trabalho, as autoras analisam uma personagem feminina negra bastante erotizada, consciente do seu corpo e resistente aos moldes socialmente criados para padronizar os comportamentos das mulheres. Sebastião Marques Cardoso e Elen Karla Sousa da Silva publicaram o artigo: "Representações de violência no conto 'Ana Davenga', de Conceição Evaristo", no qual analisam o conto "Ana Davenga", objetivando mostrar como se configura a temática da violência, apresentando a semelhança da vivência das mulheres da nossa sociedade.

Ilcemara Regina Farençena e Maria Perla Araújo Morais publicaram um artigo intitulado: "Maria e Duzu-Querença: o lugar de fala nos contos de Conceição Evaristo", onde comparam os contos Maria e Duzu-Querença — o espaço social em que as personagens femininas estão inseridas bem como o perfil delas, ressaltando que uma das vertentes da narrativa contemporânea é a discussão de estereótipos estigmatizados socialmente.

Fernanda Francisca Baliza e Nismária Alves David publicaram o artigo: "A violência contra a mulher negra no conto 'Maria' de Conceição Evaristo", onde organizam o texto "Maria" em duas partes: na primeira, apresentam Conceição Evaristo e suas ideias sobre Literatura Brasileira e, na segunda, analisa-se o conto, discutindo a violência e o preconceito racial sofridos pela protagonista. Os resultados revelam a literatura afro-brasileira como um importante lugar de resistência que dá visibilidade aos/as negros e mestiços/as.

Irme Salette Bonamigo escreveu um artigo intitulado: "Violências e Contemporaneidade". O artigo parte da discussão do sentido etimológico do termo violência, analisa as suas múltiplas possibilidades de definição e as práticas consideradas violentas na atualidade. Identifica o discurso de segurança emergente como possibilidade de mobilizar as pessoas e legitimar práticas de vigilância e controle sociais, constituindo uma estratégia de acesso e manutenção do poder de governar um município, um estado, uma nação.

Natanael Duarte Azevedo e Iran Ferreira de Melo publicaram o artigo: "A construção do feminino em 'Olhos d'água' de Conceição Evaristo: uma análise de performances Pós-Identitárias de Gênero". Objetivam, com o trabalho, problematizar outras óticas do texto com base na análise discursivo-social das personagens femininas da obra de Conceição Evaristo. Através dessa análise, interrogam os lugares e as representações de valoração das práticas culturais não-hegêmonicas, a fim de perverter a ordem patriarcal heteronormativa e legitimar a estética literária, "desmantelando" a naturalização da violência contra as mulheres negras e pobres.

Maria Dolores Sosin Rodrigues publicou o artigo: "Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão: racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo", em que analisa o conto "Maria" a partir de um lugar contra-hegemônico. A autora Conceição Evaristo constrói um mundo subjetivo adensado para a personagem principal, diferentemente do que costumamos ver em representações literárias da chamada Literatura Brasileira, propondo uma rasura no lugar que é ocupado por corpos negros, dentro do cânone.

Daniel Pulcherio Iensterseifer e Luana Teixeira Porto publicaram o artigo: "Literatura e Direitos humanos: uma relação descrita em contos brasileiros contemporâneos", no qual discutem as relações entre Literatura e direitos humanos, com as análises de contos brasileiros contemporâneos, mostrando como a arte literária pode ser reivindicatória dos direitos humanos, na medida em que situações individuais ou coletivas colocam o sujeito em situação de vulnerabilidade ou de exposição à violência. Nesse artigo eles analisam o conto Maria de Conceição Evaristo.

Nossa dissertação se difere das demais pesquisadas ao abordar os três nós que impossibilitam a mulher subalterna na sociedade brasileira. Abordaremos, nos contos analisados, esses nós que se interseccionam e dificultam a vida dessas mulheres.

Essa pesquisa tem como problema principal a situação do sujeito feminino, retratada nos contos de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Assim, formulou-se o seguinte problema: Como a interseccionalidade gênero, raça/etnia e classe social potencializam os diversos tipos de violência sofridos pelas personagens dos contos de Conceição Evaristo? Tendo em vista que, nesses contos, aparece a interseccionalidade, onde a figura da mulher é triplamente oprimida, através da situação na qual está inserida na sociedade, devido ao gênero, raça/etnia e classe, Kimberly Crenshaw, em um documento intitulado: *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, fala sobre essa questão da interseccionalidade e sobre como ela dificulta a vida dessas mulheres:

Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

É por esse viés que nos propomos, também, a analisar a representação da violência étnica, de gênero e classe social da mulher afro-brasileira, situada nos contos selecionados. Nosso objetivo geral é pesquisar como os três nós de exclusão social: gênero, raça/etnia e

classe social se interseccionam na construção do sujeito feminino presente nos contos de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Já os objetivos específicos são:

- Identificar Conceição Evaristo como porta voz da mulher negra através da sua escrevivência;
- Analisar alguns contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, enfatizando a violência sofrida pelas personagens mulheres decorrentes da interseccionalidade a que estão sujeitas.

Para melhor organização das ideias expostas, nosso texto será estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado “Literatura de minorias e literatura afro-brasileira” possui a finalidade de discutir Conceição Evaristo como autora contemporânea e influente no cenário nacional e internacional, principalmente sua obra *Olhos d'água*. Serão feitas, também, referências à autora, a sua contribuição ao meio literário e sua escrevivência como forma de resistência do povo negro.

O segundo capítulo, chamado “A construção do feminino negro e pobre relatado por Conceição Evaristo, aborda a intersecção entre racismo, pobreza e patriarcado e tem como proposta compreender este último como um sistema de opressão, no qual prevalece o domínio masculino. Refletiremos, desta forma, sobre o patriarcado: um sistema social em que os homens possuem poder e, através deste poder, prevalecem em posição de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades, dificultando, com isso, a vida das mulheres. Discutiremos o quanto essa situação tida como “normal” em nossa sociedade afeta a vida e a história dessas mulheres. O machismo está tão enraizado em nossa sociedade que, às vezes, a submissão da mulher é vista como natural. Acredita-se tanto nessa naturalidade, justamente, por vir de uma sociedade patriarcal. Falaremos também sobre Conceição Evaristo, sendo uma intelectual orgânica e sobre o feminino negro retratado em seus contos

O terceiro capítulo trará as análises dos textos ficcionais escolhidos. Selecionamos nosso *corpus* através da escolha de quatro contos que têm como temática a violência praticada contra a mulher negra e suas formas de resistência. Além disso, refletiremos como os três nós de exclusão social afetam a vida dessas mulheres representadas nesses contos.

1. LITERATURA DE MINORIAS

Neste capítulo, discutiremos o caráter transgressor da escrita do livro *Olhos d'água* na perspectiva da literatura afro-brasileira. Apresentaremos alguns critérios básicos: o autor afrodescendente, a temática relacionada à cultura negra e o texto enquanto instrumento de denúncia e resistência. Apontaremos o negro como o tema principal da literatura afrodescendente, utilizando-se da escrita como forma de apresentar suas inquietações, derrotas e vitórias. Octavio Ianni, em seu artigo intitulado "Literatura e consciência", remete-nos à literatura afrodescendente como instrumento de reivindicação e denúncia utilizada pelos autores que não se encontram no cânone literário:

O movimento negro e a literatura negra conjugam-se, encontram-se e desencontram-se. A matéria da criação do escritor sempre compreende as vivências e sofrências do negro, indivíduo e coletividade. Além do branco, sociedade, nação, sempre ressoam na poesia e prosa do escritor negro. A invenção artística do escritor, consciente ou inconscientemente, relembra o movimento negro daqui e de lá, do presente e do passado. Esse é um movimento de amplas proporções, múltiplo, social, político e cultural. Passa pelas religiões afro-brasileiras, a escravatura, o quilombo, Zumbi, África. Vai longe, traz o passado para o presente, por dentro da biografia e história rebusca o mito. (IANNI, 1988, p. 34)

Antes de adentrarmos nessa questão referente à literatura afrodescendente, discutiremos algumas questões relacionadas à escrita das chamadas minorias, no que compete à literatura brasileira. Célia Santos e Vera Wielewicki, em seu artigo intitulado "Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais" apresentam um pequeno relato histórico no que tange à literatura indígena e africana as quais são o berço da literatura brasileira: "Historicamente, o negro e o índio estão inseridos no contexto cultural, científico e religioso do Brasil desde a formação do Brasil colônia, porém há sempre uma sensação de estranheza diante desses grupos" (SILVA, 2017, p. 35).

No entanto, para Santos e Wielewicki (2009, p. 337), essa literatura passou por um longo período de silêncio na construção literária brasileira, pois os relatos indígenas e africanos não eram considerados como importantes na construção histórica do país, o que pode ser comprovado no primeiro documento histórico considerado: *A carta de Pero Vaz de Caminha* (1500). Nesta carta, desconsidera-se a oralidade brasileira vinda dos habitantes que aqui se encontravam: os índios. Nesse encontro entre o europeu e o indígena, a oralidade e cultura dos povos que aqui habitavam não eram consideradas. Os jesuítas deram início ao

processo de catequese e domesticação dos povos nativos indígenas: "Ao buscar aprender a língua dos silvícolas, os jesuítas lusitanos não estavam dispostos a agir como decodificadores de suas mensagens. Recusavam a possibilidade de partilhar códigos, pois para estes não possuíam valor de mensagem" (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 339). Neste sentido, o interesse dos jesuítas era ensinar aos indígenas o que consideravam a única verdade, ou seja, o pensamento europeu.

No século XX, a posição do índio ainda continua subjugada às reservas e dependente da cultura branca: "[...] a Constituição de 1988 tornou oficial a ‘existência das línguas indígenas’ no Brasil, o que possibilitou a abertura para a educação bilíngue nas escolas indígenas” (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 339).

A antropóloga Betty Mindlin acredita na referência aos índios como contadores de sua própria história: "[...] transmitem aos seus leitores, geralmente as crianças nas escolas indígenas distribuídas pelo território nacional, como forma de educação através da escritura de literatura e ficção, dialogando com a comunidade ao elaborar o registro escrito das narrativas contadas e recontadas ao longo das gerações" (MINDLIN apud SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 340). Essa escrita indígena advém da tradição oral na qual o narrar uma estória possui características "performativas" e tais características são difíceis de serem transportadas através da escrita, pois possuem gestos, pausas e repetições. Sendo assim, o contador é como um transmissor dessa cultura e não um criador: Consequentemente, quando a transcrição de uma “[...] narrativa oral é publicada por escrito, dando crédito ao contador como autor dela conforme regem as regras da cultura escrita da tradição oral de autoria coletiva são imediatamente violadas" (SOUZA, 2001 apud SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 341). Porém, o que se vê, ainda hoje, é o extermínio de várias culturas indígenas, assim como suas comunidades, vítimas do contato do homem branco e sua cultura.

No tocante à literatura afro-brasileira, faz-se necessário distinguirmos os termos raça e etnia. Segundo Santos e Wielewicki, o conceito de raça diz respeito a certos atributos físicos comuns a um determinado grupo, geralmente classificando os grupos raciais em negro, branco, amarelo, etc. Construído sobre fenótipos, o conceito de raça está ligado ao sentido de tipo, classificando os seres humanos por suas características físicas ou anatômicas (cor da pele, textura do cabelo, forma da cabeça, etc.), bem como por sua capacidade mental. No que se refere à etnia, a autora atribui a este conceito a articulação das lutas de classe, das particularidades de gênero, dos processos culturais e históricos. A etnicidade de um povo ou grupo refere-se às diferenças “[...] raciais que se aproximam por relações múltiplas de língua, religião, história, conhecimento e defesas comuns, constituindo, assim, um campo de

comunicação e interação que o distinguirá de outros” (GUIMARÃES, 1999 apud SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 342).

Ao tratar do termo "literatura negra" ou "literatura afro-brasileira", nos referimos a uma literatura empenhada em resgatar a ancestralidade africana, assim como a representação literária do negro no Brasil. Considera-se, desta forma, sua representação no contexto histórico brasileiro: o negro não tinha voz. Deve-se ter em vista que negros eram representados "oficialmente" pelos cânones literários nacionais (homem/branco/classe social media alta) que excluía a presença do negro e toda sua criatividade literária. Como destacam Santos e Wielewicki: "A representação do negro na literatura desde o seu início foi apagada; é como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravizados, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas" (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 343).

O negro, no século XIX, some do texto literário ou aparece nele como mero escravizado. Aparece novamente na literatura na segunda metade do século XIX. Porém, se mantém como uma figura marginal na literatura. É nesse contexto de discriminação racial que muitos negros tiveram acesso ao código literário. No entanto, sem ligar-se à questão da escravidão, surgindo aí o "branqueamento" do negro, já que o escritor negro copia os modelos da literatura europeia. No fim do século XIX, surgem as chamadas discussões sobre a miscigenação brasileira, resultado da mistura das raças brancas, negra e índia, onde aparecem as imagens dos senhores severos e paternais dificultando, com isso, discussões sobre direitos igualitários. Nesse contexto, a maioria dos escritos sobre os negros eram do homem branco. Ianni refere-se ao negro como escritor de sua história, com enfoque no que é próprio de sua cultura:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreve sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir como negro. (IANNI, 1988, p. 31)

Dentre estes grupos, surge o grupo *Quilombhoje*, em São Paulo, em 1978, o qual criou a série *Cadernos Negros*, que contém obras em prosa e verso e dão oportunidade a escritores afro-brasileiros e escritores engajados no movimento negro.

Nas escritas das mulheres negras aparece a marginalização socioeconômica, a privação em múltiplos aspectos. Narram-se versões de histórias, denunciando a exclusão sofrida pelos afrodescendentes. A voz da mulher negra vem a preencher lacunas e silêncios,

tornando pública e visível a realidade da comunidade negra. É uma escrita reivindicatória. Essa escrita reivindicatória traz em si a experiência do cotidiano, que é intrínseca à literatura da mulher afrodescendente. Na escrita afrodescendente, os fatos são trazidos através da memória dos antepassados, através do ato de contar histórias. A oralidade é um marco nessas escritas. As histórias contadas em lares, o canto, a dança, os sonhos. Aparecem, também, a exploração racial e a sexual, a privação econômica, as lutas diárias. Em seu artigo, Heloísa Toller Gomes apresenta características fundamentais da escrita contemporânea da mulher negra:

A escrita afrodescendente de mulheres advém de culturas estilhaçadas pela diáspora, pelo colonialismo e pela discriminação socioeconômica nas sociedades coloniais e pós-coloniais. Mostra-se assim, cortada e recortada na violência das fragmentações e roturas. Convivendo com a realidade do racismo e do preconceito, ela tem sido sujeita à marginalização, ao desconhecimento e a desvalorização intelectual, por vezes dentro da própria comunidade negra. (GOMES, 2017, s.p.)

A escritora negra atual depara-se com toda uma gama de papéis sociais, sexuais, intelectuais que a sua escrita assume: "A dupla marginalização da mulher negra imprime a seus escritos características próprias, tanto no tocante a sua produção quanto à sua circulação" (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 344). Sua arte crítica nos leva a infinitos voos imaginários através de suas histórias e vozes, que transitam através dos séculos. É neste contexto que aparece Conceição Evaristo. Em sua obra *Olhos d'água*, esta escritora brasileira apresenta narrativas que denunciam várias formas de violência contra a mulher negra. Traz essas denúncias, através das quais aparece a condição enfrentada por essas mulheres.

Para Alfredo Bosi, no livro *Literatura e resistência*, "[...] resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é de/sistir" (BOSI, 2002, p. 118). De acordo com esse autor, a ideia de resistência na literatura tem se realizado de duas maneiras que, entretanto, não necessariamente se excluem: como tema ou no processo inerente à escrita.

O termo resistência teria se ligado aos termos "cultura", "arte" e "narrativa" no período de muita resistência política, em que as forças populares se uniram às forças intelectuais progressistas, entre 1930 e 1950, perdurando nas narrativas do imediato pós-guerra. Neste momento, fora produzido o cerne da literatura que tinha a resistência como principal temática.

Por outro lado, há “[...] em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema” (BOSI, 2002, p. 129).

Uma forma de pensar a literatura de resistência, segundo Bosi, é explorar a fenomenologia das relações entre dois campos de significados. Ao que nos parece, nas narrativas de Conceição Evaristo, há o que Bosi chama de resistência interiorizada da lírica, “[...] que entrança os fios da memória com a imaginação” (BOSI, 2002, p. 130-131), posto que a escrevivência da autora é uma memória que mescla criatividade e experiência de vida.

Para tentarmos compreender melhor essa literatura de resistência, é necessário entendermos como se estabeleceu a identidade nacional dos excluídos e como se formou a tradição da literatura brasileira de grupos minoritários. Recorremos a Eduardo de Assis Duarte, no capítulo “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, quando se refere à escrita de Conceição Evaristo:

Desde as primeiras publicações, seus escritos logo se destacaram pela forma poética com que representa a crueldade do cotidiano dos excluídos. A mescla de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente com os irmãos colocados à margem do desenvolvimento. (DUARTE, 2014, p. 208)

Esse autor argumenta que Conceição Evaristo é uma escritora que dá voz aos excluídos com sua literatura de resistência, fragmentando as culturas sociais quanto à classe, o gênero, à sexualidade, à etnia, à raça e à nacionalidade. Assim sendo, após um longo período de silêncio, no qual não havia uma produção literária preocupada em resgatar a história e a cultura do povo negro, alguns escritores brasileiros, incomodados com essa situação, dedicaram-se a esse propósito. Essa escrita de resistência, segundo Santos e Wielewicki, apresenta:

[...] alguns critérios geralmente usados na tentativa de conceituar a literatura afro-brasileira, a saber: o critério étnico (ligação da obra à origem negra ou mestiça do autor); o critério temático (conteúdos literários relacionados aos temas referentes à cultura afro-brasileira); e o que chamaremos de critério de transgressão (o texto como forma de reivindicação e resistência). (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 342)

Entretanto, é importante salientar que essa escrita voltada para as minorias é, também, reivindicatória: estão interligados os negros, as mulheres: todos os grupos humanos que são excluídos em nossa sociedade.

Salienta-se que o livro *Olhos d'água* é escrito por uma mulher negra e pobre que vivenciou as situações relativas ao povo negro. Assim, os contos de Conceição Evaristo estão configurados como uma identidade mais próxima da ótica feminina negra, já que são escritos sob a perspectiva de uma afro-brasileira e não de escritores brancos. Sendo assim, Conceição Evaristo, uma escritora afro-brasileira, cria uma literatura inovadora, que aborda, em relação às mulheres negras, seus sentimentos, emoções e, principalmente, atitudes diante das adversidades encaradas no decorrer de suas histórias, pautadas em diversos tipos de violência. Conceição Evaristo não só aborda a cultura e a história dos negros, mas rompe com padrões literários, problematizando a superação das personagens negras e mulheres. Além de se impor em uma literatura tradicional escrita por homens brancos de classe média/alta, ela vem a romper com o cânone literário que perdurou por muito tempo na literatura.

Em um artigo publicado por Conceição Evaristo, intitulado: "Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira", a autora refere-se à escrita dos negros feita pelos negros:

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso, outro-diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro - podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra. (EVARISTO, 2019, p. 5)

Eduardo de Assis Duarte refere-se à escritora como destaque no cânone:

Com efeito, a escritora se insere na tradição da narrativa afro-brasileira de autoria feminina, que remonta a Úrsula, de Maria Firmino dos Reis em 1859, tradição à qual se agregam os escritores de Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Esmeralda Ribeiro, Alzira Rufino e, mais recentemente, Ana Maria Gonçalves. (DUARTE, 2014, p. 211)

Do mesmo modo, as literaturas de grupos minorizados vêm à tona afirmando sua identidade diante da história literária. Diante desses conceitos, analisamos a obra de Conceição Evaristo, observando sua constante preocupação em evidenciar a resistência dos afro-brasileiros e resgatar sua identidade cultural. Galvão (2005, p. 93) afirma que "[...] a voz dos negros se faz ouvir, no presente, a partir dos Cadernos Negros, iniciativa e manutenção do

grupo Quilombhoje²". A partir desses escritos, começa a ser problematizada a desigualdade racial e percebe-se o crescimento visibilidade de importantes escritores, poetas, contistas e ensaístas. "Acontece o resgate da cultura negra, a atenção se volta para o resgate das reivindicações femininas, mostrando a mulher que abre caminho no torvelinho cheio de ciladas da metrópole, contestando o poder masculino" (GALVÃO, 2005, p. 94). Segundo Gomes:

A escrita da (mulher) negra é construtora de pontes. Entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através de gerações. Do mesmo modo, pontes entre experiências de autoras de diferentes idiomas e nacionalidades que possuem a paixão do narrar, a crença na compreensão através da palavra. (GOMES, 2017, s.p.)

Como observamos, a literatura afro-brasileira é essencialmente caracterizada pelas experiências, pelas memórias desse enunciador que se quer negro, como também pela necessidade do que significa ser negro em nossa cultura. Ao se constituir como enunciador, o negro rompe com esse discurso de séculos carregados de preconceitos e estereótipos e passa a escrever e reinventar sua verdadeira história e valorizar a sua cultura: "O negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques, ele é o universo humano, social, cultural e artístico que se nutre nessa literatura" (IANNI, 1988, p. 30). Através dessa literatura, constrói-se uma imagem positiva da população negra buscando uma afirmação identitária.

No que se refere aos negros, unidos e organizados em entidades que norteiam ações de resistência e luta por liberdade, eles buscam afirmação da marca de sua identidade, suas tradições e representações. Bárbara Araújo Machado, em sua dissertação: *Recordar é preciso*, refere-se a essa identidade que negros e, sobretudo, Conceição Evaristo buscam:

[...] me propus a analisar a trajetória e a obra de Conceição para observar as formas de organização e intelectualidade negra, em particular escritores e escritoras- bem como as estratégias utilizadas pelo movimento na construção de uma identidade negra combativa e reivindicatória de direitos em uma

² O Quilombhoje literatura, grupo paulistano de escritores, foi fundado em 1978, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. Disponível em: <www.quilombhoje.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2019.

sociedade dominada pela ideia hegemônica de democracia racial³.
(MACHADO, 2014, p.14)

Busca-se esse pertencimento como sujeito de sua história, utilizando-se de expressões das minorias: a arte, a dança, a música e, principalmente, a literatura. Acreditamos que uma das causas da invisibilidade de autores afrodescendentes é a falta de oportunidades de ingressar no mercado editorial e colocar seus livros à disposição do grande público. Evaristo destaca sua consagração como escritora e enfatiza que a maioria dos escritores não dispõe desse aparato:

[...] uma produção literária pode ser encampada ou não por uma *instância exterior* ao próprio texto literário e que forma a instituição literária. Esta instituição literária normalmente aparece manipulada pela hegemonia cultural que vai abrir caminhos ou ignorar os textos e autores. Os críticos literários, o interesse dos pesquisadores, a concessão de prêmios, a mídia, o apadrinhamento de outros escritores ou de intelectuais famosos, a presença dos textos em livros nas bibliotecas compõem o sistema difusor da obra. (EVARISTO, 2007, p. 41, grifo da autora)

Assim, escritores negros produzem, mas, quando editam, fazem-no em tiragens pequenas, muitas vezes autofinanciadas. Contudo, a batalha pelo reconhecimento advém de publicações em regime cooperativo, como acontece, por exemplo, com os *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje, lançados pela primeira vez em 1978. A primeira e outras edições foram financiadas pelos próprios autores. Hoje *Cadernos Negros* é a antologia de Literatura negra de vida mais longa.

Regina Dalcastagné relata, em um artigo sobre a literatura contemporânea, a dificuldade encontrada pelos escritores negros e sem uma formação literária de adentrarem no mercado editorial: “Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes ‘não autorizadas’” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 13).

Na autoria, a questão é mais complexa, pois os autores são identificados fenotipicamente com a questão do negro. Por outro lado, há autores que, sendo negros, não reivindicam essa condição para si e não a incluem em seus projetos literários.

³ “Segundo Jesse de Souza, Gilberto Freyre teria sido o criador do conceito de democracia racial, tendo com isso construído a contrapartida teórica de uma noção fantasiosa, harmônica e humanitária do passado escravista brasileiro, abrindo a possibilidade de constituição de uma ideologia social apenas aparentemente inclusiva e extremamente eficiente” (SOUZA, 2000 apud RODRIGUES, 2018, p. 22).

A linguagem estaria baseada na discursividade (ritmo, entonação e semântica próprias), marcada pelas heranças africanas e inserida num contexto transcultural brasileiro. E, finalmente, ao público negro.

É na geração literária de 1970, que escritores afro-brasileiros trazem, em suas obras, um posicionamento engajado. Por essa tomada de "consciência", começa a surgir uma série de atividades que o movimento social negro propagou nessa década. Através desses movimentos, começou-se a questionar a democracia racial, lutar contra o preconceito e romper com a invisibilidade do negro, reivindicando por espaços que eram antes exclusivos dos brancos. Objetivava-se, portanto, reafirmar a existência da literatura afro-brasileira. É notório que, entretanto, mesmo com essa luta dos negros por se fazer ouvir, os prêmios consagrados no espaço literário ainda são concedidos ao homem branco de classe social privilegiada,⁴ visto, que Conceição Evaristo, ao ser indicada à Academia de Letras, foi derrotada, recebendo apenas um voto. Conceição foi indicada através de abaixo assinado nas redes sociais, pedindo sua entrada para a Academia Brasileira de Letras, em dois dias conseguiu 6,5 mil apoios.

Oficialmente, a disputa teve 11 candidatos. Mas desde o principio só dois nomes tiveram chance de fato. A improvável vitória de Evaristo sobre o cineasta Cacá Diegues e o colecionador Corrêa do Lago, favoritos desde o principio, teria um significado histórico só comparável à eleição de Raquel de Queiroz, primeira mulher a integrar a lista de imortais- e isso apenas em 1977 (a ABL foi criada em 1896). Evaristo seria a primeira escritora negra da casa. Ocuparia ainda a cadeira 7, cujo patrono é o poeta Castro Alves. Atualmente há cinco mulheres e somente um negro entre os 39 acadêmicos. (CAMPOS; BIANCHI, 2018, p. 1)

Em um estudo apresentado por Dalcastagné, apresentam-se os números de acadêmicos que ocuparam a ABL, sendo brancos e ocupando espaços privilegiados no meio acadêmico:

Só para citar alguns números, em todos os principais prêmios literários (Portugal, Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores e apenas uma mulher (na categoria estreante, de Brasília, mostra que todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram brancos).

⁴ A academia Brasileira de Letras elegeu nesta quinta Cacá Diegues para a cadeira número 7- Cacá vai substituir o cineasta Nelson Pereira dos Santos e derrotou outros dez candidatos, entre eles Conceição Evaristo, a escritora negra que decidiu desafiar a instituição. Aos 71 anos, a mineira optou por uma espécie de anticandidatura e causou incômodo ao dispensar a bajulação habitual para ganhar votos dos imortais que frequentam o "clube de amigos". Sua derrota era esperada: Evaristo entrou na disputa para expor a alta de representatividade negra e feminina na centenária academia. Recebeu apenas um voto. Cacá 22, e Pedro Correa do Lago, neto de Oswaldo Aranha, outros 11 votos. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-a>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalísticos e acadêmicos. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14)

Há um processo em discussão acerca da nomenclatura "literatura negra". No entanto, na maioria dos livros, ensaios e artigos há uma predominância das expressões acima citadas, tomadas como sinônimos.

A literatura é um dos meios pelos quais o negro contribui com a cultura brasileira, superando a sua invisibilidade de anos. A contribuição de escritores e escritoras negras está crescendo cada vez mais dentro da literatura brasileira. Muitos desses escritores visam a ressignificar a história e trazer a importância da participação dos negros na vida cultural do Brasil. A cultura dos afro-brasileiros e das minorias vem ganhando novos espaços graças a movimentos de alguns setores de nossa sociedade.

No Brasil, podemos destacar a promulgação da lei 11.645/2008, sancionada pelo então presidente Luis Inácio Lula da Silva: este alterou a lei 9.394/1995, modificada pela lei 10.645/2003 e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena. Esta lei é de suma importância para o reconhecimento e valorização e respeito das pessoas negras, indígenas e descendentes. A partir dessa lei, diversos sistemas de ensino e estabelecimentos criaram ações a fim de reparar, reconhecer e valorizar a história e a cultura desses povos. A literatura tem combatido o racismo e trazido uma importante contribuição para a sociedade, principalmente depois da já citada lei 11.645/2008. A crítica já citada, Regina Dalcastagné, ao tratar sobre a escrita das minorias, observa que:

São essas vozes que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tencionam, com sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valorização, entender de onde eles vêm, por que se mantêm de pé, a que e a quem servem... Afinal, o significado do texto literário- bem como da própria crítica que a ele fazemos- se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e da hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 16-17)

Essas pessoas devem ser respeitadas e valorizadas pela sua contribuição social e cultural. Devemos levantar a bandeira junto a elas pela desvalorização que sofreram mediante a verdadeira história, a que foi construída através de muita luta, lágrimas e suor.

2. CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRIVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Ao falar sobre sua infância, a autora retrata sua condição de moradora da favela de Belo Horizonte e filha de empregada doméstica:

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portanto algum documento da Santa Casa da Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressiona-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Saiba sim, sempre soube que sou negra. (EVARISTO, 2009, s.p)

Foi criada pela mãe e pelo padrasto, de profissão pedreiro. Sua mãe criou quatro filhas e a autora possui admiração pelas condições através das quais a mãe criou as filhas: "Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela" (EVARISTO, 2009, s.p.). Ao todo, Conceição Evaristo possui nove irmãos, sendo cinco homens filhos do padrasto com a mãe. Aos sete anos foi morar com a irmã mais velha da mãe, pois seria menos uma "boca para a mãe alimentar", visto que a tia não possuía filhos. Sua oportunidade de estudar surgiu dessa condição de ir morar com a tia. Por outro lado, suas irmãs tiveram dificuldades maiores (EVARISTO, 2009, s.p.).

Desde menina, Evaristo aprendeu a arte de cuidar do corpo do outro: aos oito anos enfrentou seu primeiro emprego como doméstica. Suas atividades se alternavam em levar crianças vizinhas para a escola, ajudar essas crianças nas tarefas de casa, participar das lavagens de roupas, ajudando mãe e tia ao apanhar e entregar as trouxas de roupas nas casas das patroas (EVARISTO, 2009, s.p.).

Trocava horas de trabalho doméstico na casa dos professores por aulas particulares e pela possibilidade de ganhar livros didáticos para si e para os irmãos. Também conseguia algum dinheiro recolhendo restos dos ricos em latões de lixo e vendendo. Quando Carolina Maria de Jesus lançou seu livro *Quarto do despejo*, sentiu-se como personagem do enredo

criado pela autora. Sua mãe comoveu-se tanto com os relatos de Carolina Maria de Jesus que também escreveu um diário, o qual a autora guarda consigo, até hoje. Em sua casa todos estudaram em escolas públicas, sua mãe os matriculou em duas escolas que atendiam basicamente a clientela da classe alta belorizontina e que, apesar de serem longe da moradia ofereciam um ensino de melhor qualidade (EVARISTO, 2009, s.p.).

Foi através dessa ambientação escolar que Conceição descobriu sua condição de negra e pobre, na qual havia a separação das crianças de classes mais adiantadas que recebiam medalhas, não repetiam série, cantavam e dançavam em festas e também coroavam Nossa Senhora. Geralmente eram crianças loiras. Os alunos pobres ficavam no porão do prédio: "Porões da escola, porões dos navios" (EVARISTO, 2009, s.p.). Porém, devido ao seu bom desempenho escolar, na quarta série pode frequentar uma das salas do andar superior. Esta situação trouxe desgosto a alguns professores: "Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros" (EVARISTO, 2009, s.p.).

Ao terminar o primário, em 1958, Conceição Evaristo ganhou o prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação com o título: "Por que me orgulho de ser brasileira". Houve, no entanto, certa discordância entre os professores, pois esperavam certa passividade da menina negra e pobre. E isso Conceição Evaristo não era, pois, desde muito cedo, já reconhecia sua condição de pessoa negra, pobre e favelada.

Por volta dos seus dez, onze anos veio morar com ela um tio que havia servido à pátria, lutando na Itália, na Segunda Guerra Mundial. Esse tio foi trabalhar como servente na Secretaria da Educação e estudou desenvolvendo seus dons de poeta, desenhista e artista plástico. Foi sempre um questionador na condição do negro brasileiro. Conceição Evaristo diz que deve a ele suas primeiras lições de negritude. Ao terminar o primário, fez um curso ginásial e, aos dezessete anos, inseriu-se no Movimento da Juventude Operária Católica, que promovia reflexões que visavam a comprometer a Igreja com a realidade brasileira. Porém, as questões étnicas começaram a fazer parte de suas discussões, a partir da década de setenta, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Conceição Evaristo gosta de enfatizar que nasceu rodeada de livros e que, desde criança, aprendeu a colher as palavras:

Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior da minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros

velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. (EVARISTO, 2009, s.p.)

Mudou-se, portanto, para o Rio de Janeiro, em 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública na cidade do Rio de Janeiro. Produziu a Dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), pela PUC do Rio de Janeiro. Sua Tese de Doutorado segue a linha estabelecida desde o Mestrado, com relações de produção literária africana da língua portuguesa. Doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a Tese: *Poemas Malungos: cânticos irmãos* (2011). Nessa tese, Conceição Evaristo estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira, em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas nas séries *Cadernos Negros*. Transita entre a poesia, a ficção e o ensaio. Participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos são estudados em universidades do Brasil e do exterior. Em 2003, seu livro *Ponciá Vivência* teve boa acolhida pela crítica e pelo público (LITERAFRO, 2009). Seu romance *Ponciá Vivência* possui uma narrativa não linear, marcada por cortes temporais, em que passado e presente se imbricam. O livro foi incluído na lista de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas.

Em 2006, lança seu romance *Becos da Memória*, em que trata do drama de uma comunidade favelada e em processo de remoção. O protagonismo da ação cabe à figura feminina, símbolo da resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, seu livro *Ponciá Vivência* é traduzido em inglês, nos Estados Unidos, pela Host Publications. Após essa publicação, são realizadas várias palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas. Sua poesia ganha destaque maior a partir de 2008, com a publicação de *Poemas de Recordações e outros movimentos*, obra na qual denuncia a condição social dos afrodescendentes (LITERAFRO, 2009, p. 10), revelando, inclusive, um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Em 2011, lança o volume de contos *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, em que trabalha a relação de gênero, num contexto social marcado pelo racismo e sexismo. Em 2013, sua obra *Becos da memória* ganha nova edição e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários. Em 2014, publica *Olhos d'água*, livro finalista do prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas" (LITERAFRO, 2009, p. 1).

Em 2016, lança mais um volume de ficção: *Histórias de leves enganos e parecenças*. Três de seus livros foram traduzidos para o francês e publicados em Paris. Sendo esses: *Becos da memória*, *Ponciá Vivêncio* e *Poemas de memória e outros movimentos*. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo, contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. Tendo o seu início nos anos 90, foram produzidas as *Cartas Negras*, onde escritoras negras trocam correspondência.

Em 2018, recebeu o prêmio de literatura do governo de Minas Gerais, pelo conjunto de sua obra (LITERAFRO, 2009, p. 1). Segundo Duarte:

Com sua escrevivência — termo com que costuma demarcar sua produção textual —, Conceição Evaristo articula seus projetos literário e existencial: a uma longa e persistente militância social, étnica e de gênero agrega-se a perspectiva feminina a afro-identificada, problemas do cotidiano de mulheres negras, conectando sua literatura às raízes étnicas. Centrados na temática afro-brasileira, seus escritos consubstanciam sua resistência ao sexismo, ao racismo e aos demais preconceitos e formas correlatas de exclusão. Mas sem perder a ternura jamais. (DUARTE, 2014, p. 213)

Conceição Evaristo vem alcançando respeito no Brasil e também no cenário internacional. Sua obra trata das condições dos afro-brasileiros, registrando sua história e seu legado cultural em sua experiência contemporânea, através da prosa e verso. É uma importante porta-voz do seu povo no país. Conceição Evaristo faz parte da diáspora africana nas Américas. Sua literatura de autoria feminina e negra é apresentada no cenário nacional e internacional. Usando recursos que se abrem na contemporaneidade, transita entre gêneros literários: a poesia, a prosa curta, o romance e o ensaio. Conceição Evaristo, desde o início dos anos 1990, transita na literatura entre o conto e a poesia. Sua produção exalta a memória (afetiva ou étnica), promovendo a denúncia e a reflexão.

Conceição participou como palestrante na mesa “Literatura Negra — Nossas Letras e Vozes” e foi a autora homenageada no *IV Latinidades* (Festival da Mulher Afro-latino-americana e caribenha), em 2013, Brasília. Suas obras se caracterizam pela história de pessoas e comunidades afro-brasileiras, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. A denúncia está presente em sua literatura, mostrando a resistência de seus ancestrais. Ao reivindicar e denunciar as situações de opressão, Conceição dá voz à mulher negra. Seu dom e coragem continuam a encantar o Brasil e o mundo (COSER, 2018, p. 1).

Atualmente, representa o Brasil no exterior e sua literatura vem sendo traduzida em vários países. São narrativas marcadas por dramaticidade: retratam os dramas e as violências sofridas pelos afrodescendentes, no dia a dia. É uma escrita regida pela memória, na qual os

dramas individuais remetem à tragédia que está nos problemas brasileiros contemporâneos. Esta autora é uma mulher negra cuja escrita é marcada pelo cunho social e de gênero. Sua ambiência ficcional problematiza a condição da mulher negra, favelada e pobre. Seus contos traduzem relatos de mulheres afrodescendentes, sua oralidade, o entrelaçar de gerações, através de uma textualidade em que a reflexão se dá sobre a condição da mulher favelada. A cultura africana a que, direta ou indiretamente, a escritora se refere, já traz, em si, a memória oral. A voz evocada pelos ancestrais: “Primeiro traço a enfatizar a oralidade, o traço construtivo da textualidade africana e afrodescendente, estará presente como construção retórica, como técnica estilística e como motivação temática, propulsora da memória sempre reagentada na escrita das mulheres negras” (GOMES, 2017, s.p.). Conceição Evaristo se intitula como autora negra e cuja escrita é voltada para as mulheres negras. Amanda Crispim Ferreira, no artigo: "A memória em poemas de recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo", publicado na Literafro, faz a seguinte reflexão:

A memória constitui um elemento indispensável de uma identidade nacional. É por ela que o homem atualiza impressões ou informações passadas e recompõe sua história. Numa civilização sem a escrita, marcada pela oralidade como a africana a acumulação de elementos na memória faz parte do cotidiano, como garantia de sua identidade, através da transmissão de bens culturais. (FERREIRA, 2018, s.p.)

Sua memória das raízes familiares impulsiona vários de seus escritos. Sua literatura da diáspora negra vai muito além do “eu”. Retrata espaços coletivos. Na evocação da memória, ao narrar histórias negras, Conceição Evaristo reivindica e denuncia dramas enfrentados pelos afrodescendentes.

O termo *escrevivência* vem das palavras "escrever" e "viver": *escrevivência* tem a ver, portanto, com o fato de que a subjetividade do escritor contamina a sua escrita. Esse recurso utilizado por Evaristo é o que consiste na escrita viva, apontando a cultura negra e sua relação com a narrativa existencial. Conceição Evaristo faz uso de sua escrita como forma de dar voz ao seu povo. A escritora, quando indagada acerca da autoria da mulher negra na sociedade brasileira, faz a seguinte declaração:

O primeiro romance brasileiro, “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, foi escrito por uma mulher negra. Ela escreveu no mesmo momento que José Alencar, mas não merece destaque em ser a primeira romancista brasileira, pois a história é marcada por homens brancos e de classe média. (LIMA, 2017, s.p.)

Adriana Soares de Souza, em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memória no romance de Conceição Evaristo*, em um capítulo destinado à escrevivência da autora, fala sobre essa escrita, verdade da autora:

Conceição Evaristo não se calou diante dos obstáculos, superou e enfrentou todas as mazelas a ela impostas ao trazer a sua escrita de "ficção verdade", suprindo os vazios e lacunas de muitas vozes "perdidas" ou rejeitadas por serem oriundas das franjas do tecido social. Apresentar a "natureza íntima" da criação literária de Conceição Evaristo é desvendar outros caminhos através de uma única e sonora palavra: "escrevivência". (SOUZA, 2011, p. 30)

Conceição Evaristo é mulher, negra e ex-moradora de favela. Escreve, neste sentido, de lugares diferentes. Utiliza-se de sua escrita para mostrar a todas as camadas sociais a verdadeira situação do negro. Através de sua vida marcada pela interseccionalidade: mulher, negra e pobre, ela se põe como exemplo a outras pessoas que vivem situação semelhante:

O conceito de escrevivência idealizado por nossa teórica nasce do fazer literário da autora, comprometido com a sua experiência pessoal do que significa ser mulher negra no Brasil, por conseguinte, na diáspora, suas implicações sociais e políticas, assim como toda a sua ancestralidade e herança africana que servem de matriz para construir os contornos desta escrita negra tão singular. (SILVA, 2011, p. 19)

Podemos observar que, nessas situações, quem fala do que tem conhecimento tem um forte apelo social, pois é relevante o papel de sua vivência, que muito contribui para transformar o meio no qual se está inserido. Através de sua escrita, Conceição Evaristo consegue dar visibilidade à mulher negra no cenário literário:

Desta forma, constatamos que a produção literária afro-brasileira, especialmente da mulher negra, vem se destacando no cenário literário contemporâneo, por meio da obra de Conceição Evaristo que coloca e foco as lutas diárias dos afrodescendentes no Brasil e dá voz e vez à mulher negra para falar de si, de sua história, de seu povo. (CERQUEIRA, 2017, p. 83)

Djamila Ribeiro, em sua obra *O que é lugar de fala?*, apresenta um questionamento acerca de quem tem direito à voz, numa sociedade que tem como norma a branquitude, masculinidade e heterossexualidade. Essa reflexão se faz importante para se desestabilizarem as normas vigentes e trazer a importância de se pensar no rompimento de uma voz única, com o objetivo de se propiciar uma multiplicidade de vozes. Nessa obra a autora relata o seguinte:

Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida, ou mais oprimida que uma mulher branca da mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que lhe proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista. (BAIROS, 1995, p. 461 apud RIBEIRO, 2017, p.70)

Trazem-se novas histórias; personagens são criadas a partir da perspectiva da autoria de mulheres negras na literatura brasileira: “Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2017, p. 61).

É através desse viés que Conceição Evaristo intitula sua obra como *escrevivência*, pois se trata de uma escrita de quem pertenceu ou tem conhecimento do que fala: “Aos poucos Conceição Evaristo venceu as barreiras da invisibilidade, conferida a muitos escritores negros, e tornou-se uma escritora brasileira de relevância internacional” (CERQUEIRA, 2017, p. 82).

A nova literatura brasileira parte da experiência, enfatizando os sujeitos de autoria, que criam seus próprios enredos. Essa busca por pertencimento pelo povo subalternizado vem de longa data:

Assim, inferimos que a escritora Conceição Evaristo é marcada pelo lugar de pertencimento social, étnico e de gênero. A autora demarca, em muitos dos seus textos, que é necessário levar em conta sua experiência enquanto mulher e, mais precisamente, enquanto mulher negra. Não esquecendo também, de toda a sua trajetória de vida, suas vivências. Ao expressar sua vivência étnica, de classe e de gênero no corpo literário a autora desenvolve uma marca específica para a sua produção: a *escrevivência*. (CERQUEIRA, 2017, p. 83)

Luana Barossi, em seu ensaio “(Po)ética brasileira da *escrevivência*”, faz a seguinte citação: “Ouvir a perspectiva das vozes apagadas da história é uma maneira de reescrever essa mesma história, é uma maneira de compreendê-la ao mesmo tempo que se produz novas maneiras de existir” (BAROSSO, 2017 p. 15). Conceição Evaristo reescreve a história e a trajetória da mulher enquanto afrodescendente e se utiliza de sua literatura como forma de dar visibilidade a essas vozes que foram caladas e massacradas por anos de escravidão.

Conceição Evaristo, quando se coloca como *escreviente* desse sujeito massacrado socialmente, vem dar vazão ao que ocorre com essas pessoas, em sua luta diária pela sobrevivência, em busca do mínimo para se conseguir viver, embora, muitas vezes, isso não seja concretizado. A autora brasileira quer que seu povo tenha, pelo menos, o mínimo. Assim como fala Djamila Ribeiro, ao retratar a posição de Barros sobre a opressão vivenciada pelo

subalterno: "A autora nos ensina que o debate é sobre a posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de se experienciar opressões" (RIBEIRO, 2017, p. 71).

A literatura tem uma natureza formativa que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa, assim como a vida. Conceição Evaristo utiliza-se dessa faceta literária como forma de oferecer ao leitor um conhecimento acerca do mundo afrodescendente tal qual ele é. Ela utiliza a literatura como ferramenta de dar voz e se fazer ouvir. Através dessa escrevivência de Conceição Evaristo, pertencente a essa realidade, seu papel político e humanista é fundamental. Sua arte entra, neste sentido, como mecanismo de denúncia de um povo massacrado por anos de escravidão e que continua a ser “escravizado” da sociedade, pois seus direitos são nitidamente desconsiderados. Assim como fala Djamilá: "Por mais que sujeitos negros sejam reacionários, por exemplo, eles não deixam de sofrer com a opressão racista — o mesmo exemplo vale para outros grupos subalternizados" (RIBEIRO, 2017, p. 68).

Ao refletir sobre a importância desse poder de fala, como forma de resgatar os direitos de seus semelhantes, pode-se entender como essa fala tem o poder de resistência. Conforme as palavras de Djamilá Ribeiro: “O falar não se distingue ao ato de emitir palavras, mas do poder de existir” (RIBEIRO, 2017, p. 68). Conceição Evaristo, através dessas memórias de momentos de contação de história no ambiente familiar, traz uma marca bem peculiar de suas escritas. A respeito dessa oralidade que Conceição gosta de trazer em seus contos, ela relata o seguinte: “Gosto de introduzir palavras do português arcaico que as pessoas mais velhas ainda usavam. Eu gosto de ler o texto em voz alta para perceber a musicalidade do meu texto, que é muito própria da linguagem oral” (LIMA, 2017, s.p.).

É portanto diante do resgate da memória cultural coletiva, que os autores afro-brasileiros fazem-se reconhecidos em seus textos, buscando discursos que traduzam as marcas das "experiências" ou "mundivivências". Uma imagem que faz identificar essa memória histórica é importante para a constituição e caracterização desse grupo identitário. (SOUZA, 2011, p. 32)

Walter Benjamin, em seu ensaio “O Narrador”, refere-se ao contador de história, aquele que tem o dom de encantar a todos em sua volta. Ele fala, também, sobre a extinção desse tipo de narrador: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. É entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1997, p. 198).

Conceição Evaristo descreve sua mãe e tias como este tipo de narrador e traz, em si, essa memória da diáspora africana, que é passada através da oralidade. Benjamin destaca, em seu texto sobre esse tipo de narrativa: "Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (BENJAMIN, 1997, p. 205). Esse narrador tradicional a que se refere Benjamin se aproxima muito dos narradores ouvidos por Evaristo, em sua infância.

Evaristo caracteriza sua escrevivência como algo relacionado ao seu contar histórias como uma forma de incomodar. Essa escrevivência de Conceição nasce dela. Termo criado pela própria autora "[...] é um conceito criado por ela já amplamente utilizado em pesquisas acadêmicas que têm a literatura negra brasileira como tema: é a vivência cotidiana, assim definida como escrevivência" (SILVA, 2011, p. 81). Através deste conceito, a escritora refere-se a uma escrita na qual ela conhece o que diz: sua narrativa é para incomodar os que fingem não entender o que acontece com os subalternos. É a história contada a partir da perspectiva de quem tem conhecimento de causa; está, portanto, colada à vivência. "A escrevivência seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira" (LIMA, 2017, s.p.).

O uso do termo escrevivência para delinear obra da autora Conceição Evaristo implica em assumir que sua escrita é fruto das experiências que marcaram a sua vida desde a sua infância. As histórias contadas e vivenciadas, a herança identitária, a memória ancestral, estão relacionadas a sua escrita. Entre outros temas, as lembranças dos sofrimentos da escravidão, vivida por seus ancestrais, as implicações deste contexto na vida de cada descendente, a luta diária de uma mulher negra pela sobrevivência e a esperança de novas oportunidades ocasionadas pela conquista do direito de falar de si, de construir uma nova história. (CERQUEIRA, 2017, p. 86)

Quando relembramos que é Conceição Evaristo, mulher negra, que escreve, fica ainda mais forte a escrita, já que não é a brancura que narra a ruína negra, colocando os negros como vítimas a serem salvas ou domesticadas, mas a voz negra que narra por si, tomando seu lugar de senhora de sua própria história: "[...] a escrevivência é a escrita das experiências diárias, é a escrita da vida. Evaristo utiliza-se do recurso da escrevivência para transportar para a sua obra, a realidade que a circunda, e dessa forma, define e conceitua a matriz poética ficcional que engloba toda a sua produção" (CERQUEIRA, 2017, p. 84). Sua escrevivência é o grito que quer chamar atenção para essa classe excluída e massacrada por anos: "A minha escrevivência e a escrevivência de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada

por essa condição. É isso que fomenta e sustenta o que estou chamando de escrevivência” (LIMA, 2017, s.p.).

Conceição utiliza-se de sua narrativa, assim como o narrador de Benjamin, para intercambiar experiências. Em um artigo, Eduardo Duarte relata o seguinte sobre o narrar histórias de Conceição Evaristo, que vem de seus ancestrais: “Polígrafa-ficcionista, poeta, ensaísta, o gosto pelo contar e ouvir histórias lhe vem da família, da tia Maria Filomena, já falecida bem como da própria mãe” (DUARTE, 2014, p. 208).

Benjamin refere-se ao narrador como aquele conselheiro que é capaz de, além dos relatos de experiências, também trazer conselhos. Conceição, em seus contos, representa essas mulheres tão guerreiras e resistentes em sua vivência como mulheres e faveladas. A narradora adverte ao leitor (a) sobre o pacto de ouvir e não suspeitar, realçando o caráter primordial do narrado. A escrita é memória trazendo a tona “[...] as histórias das entranhas do povo”. Assim, a narradora descreve, na abertura de sua obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus mais os de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mas rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (EVARISTO, 2016, s.p.)

Sua escrita é a dos excluídos. Seus contos são pautados por violência, ausência de cidadania, o que assinala a condição da maioria dos afrodescendentes.

Nos romances de Conceição Evaristo, percebe-se que os narradores femininos negros expõem outra realidade da mulher negra, diferente daquelas que colocavam em evidência, principalmente a sensualidade. Ou seja, os narradores apresentam os sonhos, desejos ou frustrações, os medos e tristezas das personagens, levando em conta os sentimentos, os ser humano do negro e, principalmente, da mulher negra. (SOUZA, 2011, p. 32)

Sua forma de referir-se ao povo afrodescendente e suas mazelas muito tem se destacado no mundo literário. Assim, por caminhos outros, a escritora vem traçando esse sujeito-negro ou apresentando suas personagens, ao dar visibilidade à mulher.

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e mulher negra [...]. Pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 205-206)

A escrevivência é um meio de memória: implica o corpo na escrita. Conceição Evaristo relata, a respeito da escrevivência, em entrevista a Eduardo Assis Duarte:

O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador (o da obra, o sujeito da criação do texto). E nesse sentido, afirmo que quando escrevo sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvinculo da minha condição de cidadã, brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá, etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível. (EVARISTO apud DUARTE, 2011, p. 115)

A autora utiliza-se de frases e imagens como parte de seu corpo de escrita. Projeta uma cadeia de memórias em torno de um devir-negro (também um devir-mulher e outros devires) para além do texto, no sentido de dar poder sobre o feminino negro. Em sua escrevivência, o que fala é a multiplicidade coletiva. Há um devir-negro, um devir-mulher, que narra, fala. É um corpo negro, um corpo feminino. É alguém que fala com conhecimento, alguém de dentro do grupo, da diáspora africana, que relata o que sente.

Barossi cita, em seu ensaio sobre (Po)éticas da escrevivência, que: “Ao trazer um questionamento à história oficial e construir a memória e a criação poética como reescritas dessas histórias obliteradas a noção de escrevivência age como instância ética, estética e poética, pois dá vazão à mudança de perspectiva por meio do processo criativo” (BAROSSO, 2017, p. 12).

Essa escrevivência acumula afetos, dores, mas também muita coragem. Literatura se confunde com a memória, narrativa de vida semelhante ao que Walter Benjamin (1997, p. 205), aponta:

A narrativa que, durante tanto tempo, floresceu num meio de artesão no campo, no mar, na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na

narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1997, p. 205)

Conceição enfatiza, em seus contos, laços de família entre mães e filhos, abraços, ternuras e, sobretudo, muita resistência. É nessa escrevivência de Conceição que aparecem os anseios e sonhos das mulheres de sua cor e que se encontram como excluídas e marginalizadas socialmente. “Portanto, as personagens negras delineadas nos textos de Evaristo carregam a experiência de vida da autora” (SOUZA, 2011, p. 33). E é através desse narrar/viver que Conceição Evaristo vai dando voz ao sujeito feminino negro, fala sobre as barreiras enfrentadas por essas mulheres e formas encontradas de "sobreviver" nesse mundo onde o negro se encontra em uma posição marginalizada. "De fato, a autora procura, através de sua escrita comprometida, expor a luta e a resistência cotidianas, buscando os seus sonhos" (SOUZA, 2011, p. 35).

No Dicionário Online de Português, o termo subalterno significa "quem está sob as ordens do outro ou é inferior ao outro". Do ponto de vista da classe dominante, é o sujeito periférico cuja voz não se consegue ouvir. É por este viés que tomamos as pessoas discriminadas em uma sociedade de estrutura hegemônica⁵ na qual o conceito de subalternidade é associado a um espaço territorial definido e demarcado.

Alguns autores começaram a falar sobre subalternidade a partir dos anos 1980. Dentre eles destacamos a indiana Gayatri C. Spivak, que utiliza o termo "subalterno" ao referir-se a alguns grupos marginalizados que não possuem voz nem representatividade dado a seu *status* social. A estudiosa refere-se ao sacrifício das viúvas satis, que se atiravam vivas e queimavam junto com seus maridos falecidos. Os ingleses, ao colonizarem a Índia, proibiram esse ritual, achando que se tratava de um ritual bárbaro (SPIVAK, 2014, p. 159). Eram os ingleses que adentraram na cultura indiana e vieram "salvar" a mulher indefesa: "[...] homens brancos estão salvando mulheres de pele escura" (SPIVAK, 2014, p. 118). Gayatri C. Spivak utiliza, em sua obra, diversos intelectuais, mas vamos nos ater a Antonio Gramsci em sua obra: *Obras escolhidas* que possui como denominador o pensamento acerca da resistência da contra-hegemonia e da subalternidade.

⁵ O conceito de hegemonia é aquele em que se entrecruzam as exigências de caráter nacional e compreende-se como certas tendências não expressem nem esbocem tal conceito. Uma classe de caráter internacional enquanto guia estratos sociais estreitamente nacionais (intelectuais) e muitas vezes menos ainda do que nacionais (os camponeses) deve "nacionalizar-se", em certo sentido, e neste sentido, não aliás, muito estrito, porque antes de se formarem as condições de uma economia segundo um plano mundial, é necessário atravessar múltiplas fases em que as combinações regionais(de grupos de nações) pode ser várias (GRAMSCI,1978, p. 230).

Gramsci se preocupava em elaborar estratégias a favor de um país socialmente mais justo. Ele é considerado um nome importante ao se pensar em resistência da cultura popular. Sua importância e de seus estudos não se restringem apenas aos estudos culturais, mas em diversas áreas como nos estudos pós-coloniais e nas relações internacionais e nos estudos sobre subalternidade. Através de seus conceitos de ideologia e hegemonia poderemos compreender seus empregos no que se refere ao pensamento "gramsciano". O conceito de ideologia queria dizer "ciência das ideias". Segundo Bounicore:

Para Gramsci a ideologia é uma "concepção de mundo" arte, no direito, que se manifesta implicitamente nas atividades econômicas e em todas as manifestações da vida intelectual e coletiva. A ideologia das classes dominantes ajuda a dar coesão às classes subalternas, sob sua influência, impedindo assim a ruptura violenta do *status quo* da dominação. (BOUNICORE, 1991, p. 2)

Com o passar dos tempos, ganhou diferentes significados de acordo com a ciência que a adotava. Em nosso cotidiano e em nossos grupos sociais de convivência, deparamo-nos com diferentes pessoas e com diversas situações, onde dividimos ideias e opiniões. Sendo assim, exprimimos uma série de elementos ideológicos. Através dessas convivências e de nossas escolhas passamos aos outros nossos "pensamentos", nossa forma de "ver" as coisas. Nossa ideologia é a elaboração e conceito da realidade. Através deste viés é que se exerce o domínio de um grupo sobre o outro, através do discurso ideológico, onde é imposta a visão da classe dominante.

Outro termo utilizado por Gramsci é o da hegemonia. O significado do termo é: superioridade, predomínio incontestável, dominação política e econômica:

Podem se fixar por agora, dois grandes "planos" superestruturais, aquele que se pode chamar de "sociedade civil", isto é, do conjunto de organismos vulgarmente chamados "privados" e o da "sociedade política ou do Estado" e que correspondem a função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e a de "domínio direto" ou de comando que se exprime no Estado e no governo "jurídico". Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. (GRAMSCI, 1978, p. 348)

O pensamento hegemônico resulta da capacidade de um grupo dominar outros grupos sociais através do consentimento. A classe dominante usa de sua hegemonia social para impor sua ideologia e paradigmas ao proletariado. O pensamento hegemônico é a forma que a classe dominante utilizou para se manter no poder. Ela recorre à manutenção de uma ideologia a fim de continuar seu poder ou hegemonia sobre a classe trabalhadora. É nesse viés e através dessa

contextualização que Antonio Gramsci aparece nos estudos subalternos através desses conceitos de ideologia e hegemonia. O conceito de ideologia do filósofo "[...] não representa apenas ilusões ou falsas aparências em sua análise é a ideologia que dá sustentação a consciência: é por ela que o homem consegue uma conexão com o mundo e compreende-se como ser social e político" (GRAMSCI, 1978, p. 21).

Para Antonio Gramsci, a hegemonia é mais abrangente, pois o autor acredita no diálogo das classes. O primeiro seria um grupo orgânico e unificado que consegue ir além de interesses imediatos. O segundo seria uma classe que "domina" e outra que "dirige". Segundo o pensamento gramsciano, uma classe se torna hegemônica quando, além do poder coercitivo utiliza a persuasão e consenso, que são desenvolvidos mediante um sistema de ideias muito bem elaborado por intelectuais a serviço do poder, para convencer a maioria das pessoas a desenvolverem suas atividades políticas, econômicas e culturais sem perceberem a manipulação. Nas palavras do autor:

O exercício "normal" da hegemonia no terreno que se tornou clássico do regime parlamentar é caracterizado pela combinação da força e do consenso que se equilibram de vários modos, sem que a força esmague demasiado o consentimento, pelo contrário procurando fazer com que a força apareça apoiada sobre o consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública - jornais e associações - os quais, por isso em certas situações, são multiplicados artificialmente. (GRAMSCI, 1978, p. 228)

O teórico define duas categorias de intelectuais: o orgânico e o tradicional. O orgânico é aquele que sai do meio de sua classe social e a ela vai continuar vinculado como porta voz da ideologia daquela classe: "Pode-se observar que os intelectuais 'orgânicos', que cada nova classe cria consigo mesma, e que elabora no seu desenvolvimento progressivo, são na maior parte dos casos, 'especializações' de aspectos parciais da atividade primitiva do novo tipo social a que a nova classe deu origem" (GRAMSCI, 1978, p. 344). O intelectual tradicional é aquele que se vincula a um determinado grupo social, instituição ou corporação e que expressa os interesses particulares compartilhados pelos seus membros: "O tipo tradicional e vulgarizado de intelectual é dado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso os jornalistas, que julgam ser literatos, filósofos, artistas julgam também ser os 'verdadeiros' intelectuais" (GRAMSCI, 1978, p. 346).

Renato Cancian ([2008?], s.p.), em um artigo publicado em: *Sociologia: intelectuais, pensadores e classes sociais* afirma que Gramsci discute o conflito de classes na sociedade moderna e a relevância da ação do intelectual orgânico, considerando este como agente

emancipador das classes subalternas a partir do momento em que contribui para a constituição de uma nova cultura, de novos valores sociais e de uma nova concepção de mundo.

O intelectual orgânico é aquele tipo de intelectual que se mantém ligado a sua classe social, atuando como porta voz. Já o tradicional é vinculado a um grupo social como, por exemplo, os professores universitários que escrevem sobre a classe subalterna ou instituição como, por exemplo, a Igreja com a Teologia da Libertação que opta pelos pobres (GRAMSCI, 1978, p. 344). Eles teorizam e servem de porta vozes dos subalternos, mas eles não falam do local da exclusão social. É pelo viés do pensamento gramsciano que o subalterno deveria falar por si mesmo, através dos intelectuais orgânicos.

Adentramos nessa questão de ideologia e hegemonia a fim de compreendermos que os estudos subalternos abordam questões de poder sobre quem tem e quem o perde: “Uma das características mais relevantes de cada grupo que se desenvolve para o domínio é a sua luta pela assimilação e pela conquista ‘ideológica’ dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que é tanto mais rápida e eficaz quanto mais esse grupo elabora simultaneamente os próprios intelectuais orgânicos” (GRAMSCI, 1978, p. 347).

Deparamo-nos, também, com os questionamentos da teórica indiana Gayatri Spivak, sobre a possibilidade de o subalterno falar ou não. Para Spivak, o termo subalterno não apenas caracteriza o oprimido, mas põe em evidência outro elemento, a representação, em que se pode compreender um “falar por” ou um “re-presentar” que pode, por vezes “[...] reproduzir as estruturas de poder e opressão” (SPIVAK, 2010, p. 15) e subverte a opressão. Para a indiana, a condição do subalterno é, acima de tudo, a condição do silêncio e da inação. Ocorre que, nem sempre, existe a coincidência entre aqueles “que falam por” e aqueles que “agem por”. Assim, aqueles que agem são frequentemente representados por aqueles que falam, e esses, normalmente, são os intelectuais tradicionais.

Para Gayatri Spivak (2010, p. 111), a representação não é só um problema de “falar sobre”, mas também de “falar por”. Suas preocupações se referem à política e à hegemonia. Para a teórica indiana, o intelectual tradicional ocupa um lugar incômodo de cumplicidade com a hegemonia, quando se julga ter o poder de falar pelo outro. Spivak nos lembra de que escrevemos como povos conscientes dessa nossa formação e, portanto, como sujeitos coloniais. Então, ser o “outro”, o “subalterno” significa ser aquele que busca reformular a própria história, recriar uma narrativa que apresenta as vozes menores e suas “verdadeiras” histórias, produzir seus intelectuais orgânicos para falar de dentro do problema e não de fora.

Conceição Evaristo é uma intelectual orgânica porque estudou, continua ligada a sua classe social de origem defendendo os interesses das mulheres pobres e negras. Consegue

pensar a complexidade da realidade social e política em suas diversas dimensões, coloca seu conhecimento em favor da classe oprimida.

A autora traz luz às existências desses personagens femininos, fala sobre os clamores advindos das classes subalternas. A escritora, através da sua fala, cria situações para que o subalterno fale por si, já que ela também veio desse meio social. Conceição Evaristo é uma intelectual orgânica porque ela provém de sua classe social de origem e a ela se mantém como porta voz da ideologia e interesse de classe subalterna. Cancian refere-se a esses intelectuais das classes subalternas como sendo capazes de romper com a hegemonia burguesa e o subalterno falar por si mesmo:

Aos intelectuais representantes das classes subalternas cabe a imprescindível tarefa de romper com a hegemonia burguesa a partir da formulação do questionamento de crítica social capaz de abalar e superar a ideologia dominante, e numa segunda etapa, desenvolver as bases de uma nova ideologia que dará sustentação e suporte a ação prática. (CANCIAN, [2008?] p. 3)

Por isso que Spivak afirma que o sujeito subalterno pode e deve falar de si. A mulher intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio (SPIVAK, 2014, p. 165). Com isso, Spivak aponta para a tarefa do intelectual pós-colonial que deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele o faça, possa ser ouvido. Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas se pode trabalhar contra a subalternidade: "[...] as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2014, p. 14).

Pensando a teoria de Spivak na escrita de Conceição Evaristo, observa-se que quem fala o faz do lugar da exclusão social. Nos seus escritos ficcionais, aparecem os sujeitos (mulheres e negros) que trazem, em si, fatos de exclusão vivenciados pelo sujeito negro. Conceição Evaristo fala sobre essas mulheres em sua literatura. Sua fala emerge das camadas subjugadas da esfera social brasileira. Encontra-se em uma posição de intelectualidade, dando voz a essas mulheres negras, por meio de sua fala capaz de visualizar a realidade daquelas que representa, com o debate das políticas de minorias na contemporaneidade.

As noções de pertencimento de gênero, de raça e de etnia, reivindicados por Evaristo, são aspectos motivadores de constante luta e contestação. Em suma, o subalterno, remetendo-nos a Spivak (2014, p. 39), pode “falar e re-presentar”. Quanto a isso, Spivak propõe uma

prática feminista que é, por si só, uma medida fundamental à categoria “mulher”, assumindo, então, posteriormente, o essencializar/submeter o conjunto social dominado.

Acredita-se que a estratégia levantada por Spivak, que é oportuna ao feminismo, também se constitui em medida adequada ao movimento negro, fazendo-se necessária uma atuação antissexista para a proposição de políticas que dignifiquem as condições de vida da população afrodescendente. Evaristo parece escrever com uma permanente consciência dessa realidade pelo fato de enxergar nos seus contos ficcionais uma forma de dar voz a essas minorias.

Entende-se a inclusão do sexo feminino e, sobretudo, da mulher negra, como uma forma de dar lugar às minorias. Conceição Evaristo traz isso para os domínios da literatura. Segundo Spivak, o que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? Através do enfrentamento da interseccionalidade (mulher, pobre e negra) é possível transgredir esse sistema e possibilitar que algumas mulheres, como no caso de Evaristo, consigam romper com esse sistema e fazer a diferença.

Conceição Evaristo relata, também, memórias vivenciadas em sua infância e adolescência na favela. É o escrever para não apagar e para resistir ao esquecimento. Ela quer transmitir aos demais a memória que possui da história de sua gente, considerando que o negro foi o grande ausente da história, sendo o mesmo o excluído socialmente como "objeto da escrita" (BOSI, 2002, p. 257).

Hoje, a estratégia da sobrevivência é subverter essa presença/ausência. O negro era, antes, ausente enquanto sujeito anunciador do “processo simbólico” (BOSI, 2002, p. 259). E é através desse narrar suas memórias que Conceição Evaristo nos traz a situação vivenciada por essas mulheres oprimidas pela sociedade. Se, até pouco tempo, escrita e leitura “pertenciam” ao branco, essa leitura vem, agora, através do local de fala e suas memórias: “Atos de ler e escrever podem converter-se em exercício de educação para a cidadania” (BOSI, 2002, p. 261).

Nessa perspectiva, o conhecimento é o caminho para a libertação dos excluídos. Sejam eles negros, brancos, mulheres, homens ou pobres. Para tanto, Alfredo Bosi, em seu ensaio “A escrita e os excluídos”, parte da hipótese de que é possível identificar em valores vividos em contextos de pobreza motivações que levem à atividade social da leitura e escrita, o que nos faz pensar no “[...] excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária” (BOSI, 2002, p. 261). É mediante o conhecimento que todos os excluídos terão vez e voz em um mundo que só tende a se fechar para aqueles que não conseguem “transpor o limiar da escrita” (BOSI, 2002, p. 263).

3. A INTERSECÇÃO ENTRE RACISMO, POBREZA E PATRIARCADO

Esse capítulo aborda, primeiramente, o processo do patriarcado. Reflete-se, também, sobre as articulações decorrentes de outros eixos da subordinação como o racismo e a pobreza, que, quando se entrecruzam, potencializam as dificuldades das mulheres. O termo “gênero” surge entre as feministas norte-americanas e, segundo Joan Scott, a palavra indica “[...] uma rejeição ao determinismo biológico, implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1990, p. 5). Portanto, o termo gênero, conforme Scott, passa a fazer parte “[...] de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias”. Em outras palavras, o sexo não é mais o definidor, nas diferenças entre masculino e feminino, sendo o gênero e o sexo compreendidos como distintos. A categoria gênero se reporta a uma construção social que delimita os papéis desempenhados por cada um na sociedade. Não é algo que dependa da questão biológica, porque uma pessoa pode ter determinado sexo e adotar para si o sexo oposto.

Assim o gênero pode ser entendido como uma convenção social, histórica e cultural, baseada nas diferenças sexuais. Da mesma forma que a categoria gênero depende de um “acordo social” que delimita os papéis masculino e feminino, ele pode mudar dependendo do período histórico da sociedade. A sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 8)

No espaço público, a mulher não tinha vez. Cabia ao homem ocupar esses espaços, sobretudo o homem branco, pois o homem negro não atuava nos espaços públicos. A respeito da história e feitos da humanidade, para as mulheres, sobrava o espaço doméstico, realizando tarefas destinadas ao conforto da família, tais como: cozinhar, cuidar dos filhos e da casa. Cabia aos homens o espaço público, ficando estes a cargo das funções políticas e intelectuais. Com isso, as mulheres ocupavam uma posição de subalternidade. A desigualdade de gênero constitui peça fundamental nessa dominação/exploração. Terezinha Richartz, em sua tese *Paradoxos da implementação da lei de cotas nos legislativos paulistas nos partidos: PT, PSDB e PFL*, refere-se à condição dessas mulheres:

Analisando como se estabelecem as relações entre homens e mulheres, em parte significativa dos países, é possível mostrar como as desigualdades são

construídas historicamente, numa relação de exploração-dominação e o privilégio dos homens em detrimento das mulheres. Isso quer dizer que os valores e ideias existentes na sociedade, estabelecem uma hierarquia de poder entre os sexos e fazem com que a relação dominação/submissão entre homens e mulheres esteja presente em todos os lugares: na família, na empresa, nas igrejas, nos sindicatos, nos partidos políticos. (RICHARTZ, 2007, p. 26)

Através dessas relações desiguais entre os sexos feminino e masculino é notório que o poder é mantido pelo homem, seja na ordem política, moral, nos privilégios sociais, controle das propriedades ou domínio da família. A figura paterna é autoridade máxima sobre as mulheres e crianças. Historicamente, o patriarcado tem se mantido no domínio social, político e econômico. "Patriarcado", como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens" (SAFFIOTI, 1987, p. 44).

Através desse sistema de dominação/exploração, inerente ao patriarcado, cabia às mulheres a "opressão" e "sujeição" devido a sua "condição feminina". O patriarcado é uma palavra muito antiga, há cerca de seis ou sete milênios⁶ da história da humanidade. Em sua obra *Gênero, patriarcado e violência*, Heleieth B. Saffioti fala sobre o patriarcado e sobre quanto tempo este perdura na história da humanidade: "[...] o conceito de patriarcado como categoria específica de determinado período, ou seja, para os seis ou sete milênios mais recentes da história da humanidade" (SAFFIOTI, 2004, p. 45).

Esse sistema de formação social em que os homens detêm o poder consiste na "dominação masculina", como forma de opressão às mulheres. Portanto, a palavra patriarcado é a autoridade do pai. É ele quem mantém o domínio sobre a família, ou seja, o pai é a autoridade sobre a família. Esse sistema de opressão começou a ser rompido através do capitalismo, visto que a mulher precisaria sair de casa para enfrentar o mercado de trabalho. A partir de 1970, com o surgimento do movimento feminista, começam a surgir as expressões "subordinação" ou "sujeição", referindo-se a essa condição de exploração/dominação das mulheres pelos homens na sociedade patriarcal. Para as feministas, tanto o pai quanto o marido exerciam essa opressão sobre o corpo feminino:

Á medida que as (os) teóricas (os) feministas forem se desvencilhando das categorias patriarcais, não apenas adquirirão poder para nomear de patriarcado o regime atual de relações homem-mulher, como também abandonarão a acepção de poder paterno do direito patriarcal e o entenderão como direito sexual. Isto equivale a dizer que o agente social marido se constitui antes que a figura do pai. Esta se encontra atenuada nas sociedades

⁶ Se a contagem for realizada a partir do começo do processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta com a idade de 5.203.4 anos (SAFFIOTI, 2011, p. 60).

complexas contemporâneas, mais ainda é legítimo afirmar-se que se vive sob a lei do pai. Todavia, a figura forte é do marido, pois é ela que o contrato social dá a luz. (SAFFIOTI, 2004, p. 56)

O sentido dado pelas feministas, desde então, prevaleceu e é compreendido como a dominação das mulheres pelos homens, seja de caráter biológico ou não. Com base nessas funções ocupadas por homens e mulheres na história, o papel de intelectual ficava a cargo do homem branco/classe média alta. Saffioti, em *O poder do macho*, aborda esse assunto: “Quando se afirma que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se rigorosamente, naturalizando um resultado da história” (SAFFIOTI, 1987, p. 11). Heleieth Saffioti, em sua obra *Gênero, patriarcado e violência*, reconceitua o conceito de gênero, contrapondo-o ao conceito de patriarcado:

Para situar o leitor, talvez convenha tecer algumas considerações sobre gênero. Este conceito não se resume a uma categoria de análise, como muitas estudiosas pensam, não obstante apresentar muita utilidade enquanto tal. Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. Enquanto categoria histórica, o gênero pode ser concebido em várias instâncias: como aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher (SAFFIOTI, 1992, 1997b; SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995) etc. Cada feminista enfatiza determinado aspecto e gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino. (SAFFIOTI, 1987, p. 45)

No patriarcado, a opressão das mulheres pelos homens é inevitável. Gênero pode estar a serviço da opressão como pode estar a serviço das relações igualitárias, dependendo das relações sociais. As relações de gênero estão imbricadas na relação de poder: elas hierarquizam homens e mulheres ao longo da história. Conclui-se, então, que o conceito de gênero é muito mais vasto que o de patriarcado. Gênero acompanha a humanidade desde os primórdios de sua existência:

Gênero constitui uma categoria ontológica, enquanto o mesmo não ocorre com a categoria ordem patriarcal de gênero. Ainda que muito rapidamente, pode-se afirmar, com veemência, que é possível transformar o patriarcado em muito menos tempo do que o que foi exigido para sua implantação e

consolidação. Lembra-se que este último processo durou 2.500 anos. (SAFFIOTI, 1987, p. 134)

O patriarcado diz respeito à opressão, exploração e dominação que as mulheres, ao longo da história, sofreram, sendo consideradas, neste sentido, inferiores aos homens, hierarquicamente. O gênero é mais amplo: ele contempla as igualdades e desigualdades. É onde existe o espaço para a transgressão:

É por isso que o gênero, embora construído socialmente, caminha junto com o sexo. Isto não significa atentar somente para o contrato heterossexual. O exercício da sexualidade é muito variado; isto, contudo, não impede de continuem existindo imagens diferenciadas do feminino e do masculino. O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar essa realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, "neutralizando" a exploração/dominação masculina. (SAFFIOTI, 1987, p. 136)

O que alimenta essa engrenagem de exploração/dominação é o patriarcado e não o gênero, onde essa estrutura de poder desigual entre homens e mulheres é perpetuada. O homem detém o poder de várias formas, mostrando que a história da sociedade está pautada nas relações de gênero. Esse poder é, ainda, encontrado sobre o corpo feminino, quando sua disciplina e desejos pertencem ao homem, causando sofrimento a quem ouse contrariar essa lógica:

Sob a égide do patriarcado, o amor conjugal, por exemplo, não era considerado uma meta nem mesmo um ideal. O sexo (tolerado) no matrimônio tinha o fim precípua da procriação, sendo o desejo e o prazer, vetados às esposas. Aos maridos, tais limites não eram aplicados, vigorando uma dupla moral que possibilitava que eles exercessem sua sexualidade como bem entendessem, inclusive, buscando satisfação fora do leito matrimonial. (SCOTT, 2012, p. 16)

O corpo da mulher transforma-se em alvo de especulações e interdições: a ela é negado o sexo como fonte de prazer nas sociedades patriarcais, cumprindo-lhe o papel de boa esposa, em oposição às mulheres “perdidas”. Seu corpo é tido como objeto exclusivo de subserviência e procriação, como relata Pinsky, no texto “A era dos modelos rígidos”:

De fato, a sexualidade feminina, as funções biológicas e as secreções a elas ligadas costumavam ser matérias primas para definir as imagens de mulher mais marcante e recorrente. E estas vinham aos pares - a “casta” e a

“impura”, a “santa” e a “pecadora”, a “Maria” e “Eva” - como polos opostos que ajudam a definir um ao outro. (PINSKY, 2012, p. 471)

Mesmo com a chegada do século XX, não há grandes rupturas. Permanecem as heranças europeias medievais que valorizavam a pureza sexual das mulheres e condenavam as que se deleitam com o sexo. Sem o devido monitoramento da família, essas mulheres são expostas aos males da corrupção moral: “Para os pais ter filha era dor de cabeça. Bebês meninos eram muito mais desejados. Além de vigiadas, as garotas deveriam ser educadas para cumprir no futuro os ‘naturais’ papéis femininos. Esperava-se que fossem pudicas e prendadas” (PINSKY, 2012, p. 473-474).

Nos contos de Evaristo, se fazem presentes os processos característicos do patriarcado, em que a figura do homem impõe sua autoridade sobre as mulheres. Estas lutam para romper com esse padrão enraizado socialmente. Esse sistema imposto durante séculos faz com que a mulher acate com naturalidade essa situação. O feminino está associado à casa: ela cuida da casa e dos afazeres domésticos, enquanto o homem, como provedor, sai à guerra, ao trabalho, à luta pelo alimento. Para Bourdieu, a submissão "natural" das mulheres faz parte da violência simbólica porque ela acontece por intermédio da adesão que o dominado concede ao dominante. A naturalização do poder do homem dispensa justificativa, pois a própria sociedade legitima essa dominação entre os sexos:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, a dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...] resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2002, p. 47)

Verificamos, mais uma vez, que a mulher é a figura do lar e essa ideia é naturalizada: as opressões às quais são submetidas são típicas da sociedade patriarcal. A condição de sujeito, para a mulher, passa por um processo de reificação, à medida que perde a sua autonomia e autoconsciência, sob exploração e submissão a diversos tipos de violência desde os tempos mais remotos da escravidão. Davis estabelece que:

Claro, elas foram libertadas de algumas de suas velhas tarefas opressivas. Ao mesmo tempo, porém, a incipiente industrialização da economia minou o prestígio que as mulheres tinham no lar- um prestígio baseado no caráter produtivo e absolutamente essencial de seu trabalho doméstico até então. Por causa disso, a condição social das mulheres começou a se deteriorar. Uma consequência ideológica do capitalismo industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais rigorosa de inferioridade feminina. De fato, parecia que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres eram reduzidas, devido ao impacto da industrialização, mais intransigente se tornava a afirmação de que “lugar de mulher é em casa”. (DAVIS, 2016, p. 45)

Em “O caleidoscópio dos arranjos familiares”, Ana Silvia Scott observa que as mulheres são submissas a seus maridos. E, embora o patriarcado e o capitalismo sejam sistemas separados, existe uma conexão entre os dois. Assim, no capitalismo, compete à mulher estar em casa servindo ao marido e aos filhos e garantindo que a herança adquirida pelo homem se transmita a seu herdeiro natural no patriarcado. Ao feminino reserva-se o casamento e o cuidado com a família, atendendo à reprodução biológica e cumprindo com a sua função de ser a geradora e a mantenedora do lar. Pertence-lhe, também, a maternidade, prioritariamente de filhos homens, desejados por trazerem prosperidade à família e, também, por gerarem mão de obra para o trabalho. A gestação de filhas mulheres não era tão desejada, por elas não servirem ao trabalho braçal, restando-lhes, então, o lar para trabalharem:

Por muito tempo, ao longo da história do Brasil, os valores patriarcais, que remontam ao período colonial foram referências quando o assunto é família: pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e ou /dependentes que estivessem sob o poder do pater famílias. Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer ao pai e marido, passando a autoridade de um para o outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. Os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e dentro dele, a vontade de seu chefe, o patriarca, era soberana. (SCOTT, 2012, p. 15-16)

Com a Segunda Guerra Mundial, os homens partem para o confronto e as mulheres exercem ofícios destinados ao homem em vários setores, como nas fábricas e escritórios. As mulheres começaram, também, a pleitear o direito ao voto. Ângela Davis discorre, em sua obra *Mulheres, raça e classe* sobre o direito da mulher ao voto: “Mary Chase, uma representante de *New Hampshire*, afirma que o direito ao voto pode ser conferido às mulheres como as guardiãs e protetoras naturais do lar” (DAVIS, 2016, p. 128). No Brasil, as mulheres começaram a votar em 1932. Porém, essa conquista não foi completa, pois só era permitida às mulheres casadas (com autorização do marido), viúvas e solteiras com renda própria. Em

1934, as restrições ao pleno exercício do voto feminino foram eliminadas no Código Eleitoral e, em 1946, a obrigatoriedade do voto foi estendida às mulheres. Nas décadas de 1960 e 1970, as questões pautadas na identidade e na diferença sexual contribuem para abrir espaços institucionalizados com os estudos femininos para a mulher na literatura. Neste cenário, a categoria de gênero representa o aprofundamento das teorias críticas feministas e, na segunda metade da década de 1980, tem início a desconstrução da teoria homem/mulher.

A mulher, ao conquistar seu espaço social, é bombardeada por críticas, pois, pelos olhares da hegemonia masculina, é vista como ser inferior que deve ser dominado e “guiado” pela cultura masculina. Até então, a civilização ocidental é construída pelo viés do patriarcado, criador da ideologia que trata a mulher como hierarquicamente inferior, negando-lhe a autonomia e a subjetividade. Tais motivos também as impulsionaram na definição do seu papel na sociedade: “A sociedade é patriarcal quando é dominada pelo homem, identificada pelo homem e centrada no homem. E também, envolve vários aspectos da opressão das mulheres” (RICHARTZ, 2007, p. 35). Sofrendo com esses tipos de discriminações de cunho racial, de classe e gênero, a mulher negra busca romper com esses paradigmas tão fincados em nossa sociedade. O que é imposto à mulher, especialmente à "pobre e negra" preenche todos os requisitos que lhe conferem condição de subalternidade: a da pobreza, a do gênero, a da cor, que fazem com que a mulher negra permaneça no "lugar" demarcado ideologicamente que lhe foi reservado: um lugar que não é central, mas periférico, não é de dentro do círculo, mas fora dele (SPIVAK, 2014, p. 110). Spivak continua:

A questão é na verdade, que como objeto de historiografia colonial e como sujeito de insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está mais envolto em sombras. (SPIVAK, 2010, p. 82)

As opressões sofridas pelas mulheres negras também se dão graças ao racismo. O racismo consiste no preconceito e discriminação com base nas diferenças biológicas entre os povos, tais como a cor da pele. Também consistem formas de racismo comportamentos e crenças discriminatórias baseadas em estereótipos culturais, nacionais, étnicos e religiosos. Ângela Davis aponta os preconceitos sofridos pelas mulheres e homens negros nos Estados Unidos e o quanto este preconceito dificulta a vida dessas pessoas: “Os homens negros são vistos como unidades de trabalho cujo potencial produtivo os torna valiosos para a classe

capitalista" (DAVIS, 2016, p. 236). Mesmo depois da abolição, a população negra ficou em situação de exploração ainda pior, pois cabia a eles a pior parcela de empregos e salários: "Na sociedade sul-africana, onde o racismo levou a exploração econômica a seus limites mais brutais, a economia capitalista distorce sua separação estrutural em relação à vida doméstica de um modo tipicamente violento" (DAVIS, 2016, p. 236). Durante a escravidão, os negros ficaram à mercê do homem branco para conseguir seu sustento e tanto o homem quanto a mulher negra eram explorados como mão de obra trabalhista e eram considerados como inferiores devido à cor da sua pele. Segundo Davis:

Uma vez que maridos e esposas, pais e filhas eram submetidos à autoridade absoluta dos feitores, o fortalecimento da supremacia masculina entre a população escrava poderia levar a uma perigosa ruptura na cadeia de comando. Além disso, uma vez que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como "sexo frágil" ou "donas de casa", os homens negros não podiam aspirar a função de "chefes de família", muito menos à de "provedores de família". Afinal, homens, mulheres e crianças eram igualmente "provedores" para a classe proprietária de mão de obra escrava. (DAVIS, 2016, p. 20)

Mesmo com o fim da escravidão, a população negra continuou sofrendo todo tipo de privação: "Embora as correntes da escravidão tivessem sido rompidas, a população negra ainda sofria as dores da privação econômica e enfrentava a violência terrorista de gangues racistas, cuja intensidade não se comparava nem mesmo a da escravidão" (DAVIS, 2016, p. 85). Se o homem negro sofria esse tipo de preconceito, a mulher sofria muito mais devido a sua própria condição de mulher. Assim, como a mulher se volta ao espaço doméstico, cabe à mulher negra, triplamente oprimida por sua condição de mulher/negra e pobre, o trabalho de doméstica e trabalhos inferiores.

Djamila Ribeiro explica sobre a condição das pessoas negras numa sociedade cheia de preconceitos: "Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar o racismo do lugar de quem é o objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desses sistemas de opressão" (RIBEIRO, 2017 p. 86).

A pobreza vivenciada pelas mulheres negras é outro fator impactante que contribui para a opressão sofrida por elas. Suas necessidades básicas, tais como: acesso a serviços e bens governamentais gratuitos e subsidiados, propriedade, serviços de consumo básico, níveis educativos não são contempladas pelo poder público. A presença de mulheres negras entre as pessoas pobres é um reflexo das desigualdades sociais como gênero e raça/etnia, os quais orientam as desigualdades econômicas e sociais. Para Kimberly Crenshaw:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas de peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados as suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. Do mesmo modo que as vulnerabilidades especificamente ligadas a gênero não podem mais ser usadas como justificativa para negar a proteção dos direitos humanos das mulheres em geral, não se podem também permitir que as diferenças entre mulheres marginalizem alguns problemas de direitos humanos das mulheres, nem que lhes sejam negados cuidado e preocupação iguais sob o regime predominante dos direitos humanos. Tanto a lógica da incorporação do gênero quanto o foco atual no racismo e em formas de intolerância correlatas refletem a necessidade de integrar a raça e outras diferenças ao trabalho com enfoque de gênero das instituições de direitos humanos. (CRENSHAW, 2002, p.173)

Correlatos a esses sistemas de subordinação, podemos identificar que o sexismo e o racismo atuam juntos. O menor rendimento obtido pelas mulheres negras por seus trabalhos é revelador de como essas mulheres são racializadas. Outro ponto de destaque é o número maior de mulheres negras relacionadas ao trabalho doméstico. Essa categoria de trabalhadoras, em muitos casos, não tem seus direitos salariais adquiridos conforme à legislação⁷ que regula o trabalho doméstico. Muitas trabalham em várias casas como faxineiras, não adquirindo vínculos trabalhistas que fazem com que consigam seus direitos legais.

Deve-se destacar, também, que a inserção dessas categorias de mulheres no mercado de trabalho não é suficiente para a superação da pobreza. Faz-se necessário, também, acesso a bens e serviços públicos de qualidade. O que marca a situação de pobreza e da maioria das pessoas negras é a qualidade precária de direitos sociais. No que diz respeito à questão racial, a predominância da população negra entre os mais pobres é uma realidade na sociedade brasileira e deve ser enfrentada pelas políticas sociais. A situação de pobreza entre as mulheres negras e de baixa escolaridade faz com que as mesmas fiquem suscetíveis a

⁷ A lei complementar n 150 de 2015, que regulamentou a emenda constitucional n 72, os empregados domésticos passaram a gozar de novos direitos. Alguns desses novos direitos passaram a ser usufruídos logo após a edição da lei, como por exemplo, o adicional noturno, intervalos para descanso e alimentação, etc. Disponível em: <<https://portal.esocial.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

condições precárias, o que dificulta sua situação econômica. Além disso, durante muitos anos, impôs-se às mulheres pobres e negras o seu papel como sendo inferior na sociedade, o que as fez acreditar nesta condição através do patriarcado, da opressão de classe e do racismo.

A superação e conquista de seu espaço se deu pouco a pouco. Bárbara Araújo Machado, em sua dissertação *"Recordar é preciso": Conceição Evaristo e sua intelectualidade negra no contexto do movimento negro contemporâneo (1982-2008)* apresenta um capítulo que fala sobre a questão de gênero/raça/etnia e classe:

Uma possibilidade crítica levantada pela perspectiva interseccional frente aos estudos culturais de maneira geral está em perceber raça, classe e gênero, não como meros construtores de identidades, mas como fatores que estruturam e organizam a desigualdade social (MACHADO, 2014, p. 44)

Porém, são enormes as diferenciações entre as mulheres brancas e as negras. As portas começam a se abrir para a mulher branca das camadas médias e altas. No entanto, as negras ainda se encontravam fechadas, não só pela questão social, mas por outro agravante: a cor, cabendo-lhes o exercício de profissões com pouco prestígio social, além de sofrerem o assédio sexual e maus tratos dos patrões. Segundo Saffioti:

De modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente na discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher. Na sociedade brasileira esta última posição ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

Sendo assim, a mulher negra, através destes três nós, fica em posição inferior à branca na sociedade. Porém, a mulher branca, mesmo sendo de classe social desprivilegiada, ainda vai encontrar menos problemas em relação às negras:

Desta forma, as classes sociais são, desde sua gênese, um fenômeno gendrado. Por sua vez, uma série de transformações no gênero são introduzidas pela emergência das classes. Para amarrar melhor esta questão, precisa-se juntar o racismo. O nó (SAFFIOTI, 1985,1986) formado por essas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo+gênero+classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão. Como afirma Kergoat (1978), o conceito de superexploração não dá conta da realidade, uma vez que não existem apenas discriminações quantitativas, mas também qualitativas. Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada porque além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis quantitativas,

mensuráveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação dessas mulheres muito mais complexa. (SAFFIOTI, 2004, p. 115)

A partir de 1975⁸, no mesmo período em que o termo gênero é introduzido nos estudos feministas (SAFFIOTI, 2004, p. 107), as mulheres afro-brasileiras passam a se organizar nos estudos feministas em função da sua condição específica: mulher e negra, buscando combater estereótipos de desigualdade na categoria de classe, raça e gênero.

Além disso, observa-se discriminação associada à falta de recursos econômicos e a sua posição subalterna. Elas pertencem a um grupo histórico social de discriminação, fundamentado na luta pelo reconhecimento e respeito, cabendo combater outras ideologias como o racismo, que constrói a posição do negro como inferior.

Outro fator que contribui para o silêncio da voz negra no campo literário é a dificuldade que os escritores negros têm em publicar seus trabalhos, visto que o homem branco possui mais condições financeiras de publicar seus trabalhos, devido ao maior poder aquisitivo. Além disso, as grandes editoras preferem investir em autores que já possuem visibilidade no mercado literário. Nesse prisma, Conceição Evaristo não se cala diante dos obstáculos, superando-os e enfrentando todas as mazelas para que a sua escrita preencha lacunas de muitas vozes perdidas. Por este viés do cotidiano dos excluídos se entrevê o comprometimento da escritora com a literatura afro-brasileira. Seja em prosa ou poesia, atravessa questões de classe, gênero e raça.

Sendo assim, fica difícil para uma mulher transpor esse sistema tão enraizado e competir com o homem no mercado de trabalho e editorial, visto que a participação da mulher na política é ínfima. Esses espaços são ostensivamente frequentados pelo homem/branco/rico. Esse sistema opressivo é ainda mais percebido quando se trata da condição da mulher negra e pobre.

Esse sistema de dominação-exploração é visto, principalmente, quando se trata de raça/etnia, já que a mulher negra é duplamente inferiorizada, dada a sua condição. Isso porque, além de ter que vivenciar as dificuldades impostas por sua condição de mulher, para ela ainda terá o peso da cor: “A ideologia machista, que considera o homem um ser superior à mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres, majoritariamente, acreditam nestas ideias e as transmitem aos filhos” (SAFFIOTI, 1987, p. 34).

⁸ Sem entrar o mérito da discussão "O uso do termo 'gênero' é relativamente recente. Ausente dos textos feministas ou dos estudos de mulheres até fins da década de 1960 nos países anglófonos, começou a surgir na década de 1980 também no Brasil, [...]." (CORTEZ; GAUDENZI; MAKSUD, 2019, p. 2)

É por este viés que a mulher aparece na literatura, sobretudo a mulher afrodescendente, rompendo com os paradigmas até então constituídos pelos saberes instituídos. Esse movimento de resistência a esses paradigmas sustenta a institucionalização da literatura com a tradição dos cânones herdados e legitimados na cultura patriarcal. A partir daí, a mulher começa a reivindicar seus direitos, apontando as injustiças e preconceitos da sociedade patriarcal. Richartz afirma, em sua tese, que “[...] a dominação masculina cria diferentes poderes entre homens e mulheres e promove a ideia de que os homens são superiores às mulheres” (RICHARTZ, 2007, p. 35).

O enfrentamento das desigualdades sofridas pelas mulheres negras existe desde a escravidão até os dias atuais. As mulheres negras são o grupo com maior vulnerabilidade social. As demandas por saúde, educação, trabalho e segurança são apenas discursos. Na prática elas ainda se encontram bem aquém das mulheres brancas. As consequências do machismo e do racismo influenciam muito nessas questões, pois, além de sofrerem desigualdade de gênero, sofrem desigualdade racial e social.

É através do gênero que ela irá conseguir libertar-se dessa condição de igualdade/desigualdade, apesar do domínio patriarcal imposto há milhares de anos: "Esse relativo sucesso de tais esforços baseou-se em uma mudança de perspectivas quanto à relevância da diferença de gênero no projeto de ampliação do escopo dos direitos humanos das mulheres” (CRENSHAW, 2002, p. 172). Pautada nos direitos humanos, os quais colocam no mesmo nível as mulheres e os homens, os ricos e pobres, os negros e brancos, tenta-se romper com esse padrão tão desigual entre ambos. Porém, a discriminação racial ainda é fortemente vista em nossa sociedade, conforme relata Kimberlê Crenshaw, em seus estudos:

Considerando que a discriminação racial é frequentemente marcada pelo gênero, pois as mulheres podem às vezes vivenciar discriminações e outros abusos dos direitos humanos de uma maneira diferente dos homens, o imperativo de gênero põe em destaque as formas pelas quais homens e mulheres são diferentemente afetados pela discriminação racial e por outras intolerâncias correlatas. (CRENSHAW, 2002, p. 173)

Assim sendo, através do gênero estabelece-se a forma como são discriminados homens e mulheres também pela condição de sua classe e etnia. Para se conseguir que essas mulheres saiam beneficiadas pela proteção dos direitos humanos, faz-se necessário que se dê atenção à vulnerabilidade enfrentada por diferentes grupos de mulheres, levando em conta a interseccionalidade na qual as mulheres de classes sociais menos favorecidas se encontram:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas⁹ geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

A construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. O que é imposto à mulher, especialmente à "pobre e negra" preenche todos os requisitos que lhe conferem condição de subalternidade: a da pobreza, a do gênero, a da cor, que fazem com que a mulher negra permaneça no "lugar" demarcado ideologicamente que lhe foi reservado: um lugar que não é central, mas periférico, não é dentro do círculo, mas fora dele. "A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras" (SPIVAK, 2014, p. 110).

Através desses nós sociais, a mulher negra e pobre que aparece nas obras de Evaristo é triplamente oprimida, pois a ela cabem os três nós (mulher, negra e pobre). Conceição Evaristo utiliza-se de sua escrevivência e de seu local de fala quando nos traz, em seus contos, a situação vivenciada por essas mulheres. Notamos, também, que as personagens femininas de Evaristo trazem em si a realidade enfrentada por essas mulheres ao serem retratadas com a vivência da mulher negra. E, embora os enredos evidenciem vários tipos de grupos femininos, também mostram suas diferenças e suas solidariedades. Existe uma homogeneidade, em que a diferença é primordial para enriquecermos nossos conjuntos. Sejam casadas/solteiras, semi-analfabetas/doutoras, jovens/idosas, felizes no amor ou vítimas de relações de poder, heterossexuais/homossexuais, mães/madrastas, negras/brancas, todas pertencem à subalternidade e devem, em conjunto, enfrentar essas relações de gênero, questões racistas e patriarcais para se construir uma sociedade mais igualitária.

⁹ Utilizando uma metáfora da intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça e etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do empoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. (CRENSHAW, 2002, p.177)

4. A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Este capítulo tem como objetivo a análise de quatro dos quinze contos de *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo. Seleccionamos os seguintes contos: “Olhos d'água”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Ana Davenga” e “Maria”. Dentre os aspectos referidos nas análises estão o papel da mulher negra na sociedade, a violência física, simbólica, moral e sexual descrita; os tabus sociais.

4.1 A ancestralidade no conto “Olhos d'água”

O conto “Olhos d'água” constitui uma narrativa na qual a memória da personagem, enquanto filha, relembra a figura da mãe como contadora de histórias e de seus ancestrais africanos. Essa narrativa nos leva a pensar que a voz que narra a história em terceira pessoa é feminina e negra, ao narrar e construir imagens e características dos personagens. A narradora, quando não consegue lembrar, sente profunda tristeza: “E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2014, p. 16). Lucas Toledo de Andrade, em seu artigo: “Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na literatura afro-brasileira contemporânea em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo” faz referência a tal fato:

O assombro da narradora em não se lembrar da cor dos olhos da mãe a leva a rememorar a infância, a perceber o modo como a sua história se confunde com a da mãe uma constatação que a filha dela também terá no fim da narrativa, uma vez que os olhos dessas mulheres são olhos d'água, olhos de prantos, olhos de choro, que podem representar, em última instância, olhos de uma história de sofrimento, renúncias e dor pelo fato de serem mulheres e negras em um país tão excludente e preconceituoso quanto o Brasil. (ANDRADE, 2018, p. 9)

A personagem apresentada pela autora se questiona sobre a cor dos olhos da mãe. Ao longo do texto, estabelece uma linha narrativa com um diálogo constante com ela mesma, retomando aspectos de sua infância: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2014, p. 15). Ela mergulha em suas memórias e busca lembrar-se da cor dos

olhos da mãe, da africanidade e ancestralidade ao fazer essa indagação. Lucas Toledo de Andrade, em seu artigo, faz a seguinte reflexão sobre esse mergulhar na memória e na ancestralidade da personagem:

Desse modo a autorrepresentação da mulher negra, por meio de uma narradora, que busca saber a cor dos olhos da mãe algo que pode ser entendido como uma metáfora para um mergulho na própria ancestralidade africana e nas memórias da infância dessa personagem, traz a figura da negra a uma raiz familiar: a uma raiz profunda e se confunde com as raízes do próprio Brasil e da África, o que em certa medida, põe em evidência a importância da mulher negra e da descendência africana na formação da cultura nacional, o que foi banalizado pela historiografia nacional. (ANDRADE, 2018, p. 8-9)

O texto pontua o presente e o passado, a partir da perspectiva negra/afro-brasileira, mesclando a memória afetiva do personagem com seu lugar de pertencimento. Eclea Bosi, em seu livro *Memórias e sociedade*, fala sobre a memória como a sobrevivência do passado através de imagens e lembranças: "A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens lembrança" (BOSI, 1994, p. 53). A personagem mergulha em suas lembranças para tentar recordar a cor dos olhos da mãe: "A busca pelo reencontro com a mãe nesse sentido, se torna um ato ritualístico, um ato de encontro com a ancestralidade que tem a capacidade de desvelar segredos escondidos e dar voz aos silenciados" (ANDRADE, 2018, p. 11). É a recuperação da memória, o grito dos ancestrais calado por tantos anos que fala através dessa memória representada pela narradora. Ela traz a "[...] força da sabedoria das mulheres negras que geração após geração contribuíram com a construção da história e da cultura nacional" (ANDRADE, 2018, p. 11). Em "Olhos d'água", há momentos nos quais a narradora evoca lembranças do passado e as confronta com o presente. Segundo Andrade:

O conto traz gerações de mulheres negras (avó, mãe e filha) que tem os olhos sempre marejados por águas que são calmas, apesar de espessas e cheias de profundos segredos, que são correntezas, mas sempre águas, sempre lágrimas, o que pode simbolizar o choro e pranto diante da dor e das intempéries da vida de uma mulher negra e pobre em uma sociedade racista e machista como a brasileira e também a fluidez, a capacidade de resistência dessas mulheres, que como as águas desviam de obstáculos e regam a vida. (ANDRADE, 2018, p. 11)

A personagem questiona-se, o tempo todo, acerca da cor dos olhos de sua mãe. Ela se recorda da voz do passado, do ancestral, da tormenta de não recordar a cor dos olhos da mãe.

Eduardo Souza Ponce e Maria Carolina de Godoy, em seu artigo: “Ancestralidade e Identidade em ‘Olhos d’água’ de Conceição Evaristo”, falam sobre a necessidade de a narradora de se lembrar da cor dos olhos da mãe: "Ao estabelecer a comparação, a narradora destaca e reafirma a importância da descoberta, deixa de ser uma dúvida e torna-se uma necessidade, uma obrigação a ser cumprida” (PONCE; GODOY, 2014, p. 6). São essas imagens que fazem com que se refaça esse contato com a mãe. A narradora refaz seu caminho, voltando a sua infância, quando brincava com a mãe e as irmãs: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão: enfim, com os grupos convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

A narradora volta-se à ancestralidade, à origem, ao começo: "Neste aspecto, pensar nos olhos, e na dúvida sobre eles, é pensar na maneira como a narradora enxerga o mundo e a si mesma, e os questionamentos que percorrem este olhar” (PONCE; GODOY, 2014, p. 6). E a mãe era como se fosse a boneca, um objeto manuseado por ela e pelas irmãs. Ela volta aos sofrimentos enfrentados por mãe e filhas. Conceição Evaristo representa tudo isso com sua infância de menina pobre, negra e moradora de favela. Ela representa tudo isso com sua escrevivência:

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a senhora, a Rainha. (EVARISTO, 2014, p. 17).

Nas histórias da infância da mãe, ouvia-se a voz do passado, do ancestral. A mãe é um mar de memórias, que se entrelaçam com as memórias da própria narradora. As filhas distribuem flores e dançam ao redor da mãe: “Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1994, p. 55). A palavra Rainha aparece com letra maiúscula, referindo à mãe, como se esta fosse uma Santa e tivesse o poder até de tirar a fome dos filhos com as histórias que contava. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha (EVARISTO, 2014, p. 17) Fala também sobre o

sofrimento entre mãe/filha, um sofrimento que acompanha essas mulheres desde seus ancestrais.

A narradora mudou de vida e de situação financeira. Porém, sua memória continua a lhe perguntar a cor dos olhos da mãe. A mãe é um corpo ancestral, através do qual se ouvem, ao longe, as vozes dos antepassados: “Enquanto tenta lembrar, sem sucesso, qual a cor dos olhos de sua mãe, essa mulher negra revela como sua infância foi pobre e difícil” (PONCE; GODOY, 2014, p. 3). As memórias da infância da narradora se confundem com as da mãe. Ela se lembra das brincadeiras em dias de tempestade. Do medo do barraco desabar e da mãe rezando e distraindo as filhas:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. (EVARISTO, 2014, p. 17)

Dayvid de Farias Santos, em sua dissertação de mestrado *A Educação em direitos humanos como direito na educação básica*, cita os direitos básicos aos quais todo cidadão tem que ter acesso: “Versam como centrais: o direito ao trabalho, à organização sindical, aposentadoria, direito à saúde, à educação gratuita, pública, saneamento básico, ao lazer, acesso à cultura, à moradia digna, entre inúmeros outros” (SANTOS, 2016, p. 27).

Como sobreviver sem os mínimos direitos apresentados pela DUDH? Cabe a essas pessoas excluídas morar em barracos, amontoados em favelas, sem direito ao mínimo para sobrevivência digna. São tidos como os excluídos e a eles é negado tudo. Aí se encontra a resistência ancestral desse povo que foi escravizado e continua tendo o mínimo, da mesma forma quando, no passado, se amontoavam nas senzalas: “Há, no entanto, a ausência de uma organização internacional dotada de autoridade para garantir essa classe de direitos” (SANTOS, 2016, p. 28). Além de ter essa condição precária de moradia, aparece, também, no conto, a fome sentida pela personagem: “Lembro-me de muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento” (EVARISTO, 2014, p. 16).

Esse é outro grande problema enfrentado pela população que vive nas favelas. Além da falta de saneamento básico e da violência, a autora fala sobre a dor da fome:¹⁰ “É através

¹⁰ “Os dados de rendimento, por exemplo, mostram que a renda domiciliar per capita média de uma família chefiada por um homem branco é de R\$997, ao passo que a renda média duma família chefiada por uma família chefiada por uma mulher negra é de apenas R\$491” (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2011, p. 19).

da indagação sobre a cor dos olhos, que o leitor percebe as dificuldades na vida da narradora-personagem, quando revive, por exemplo, uma carência básica, a de alimento" (RODRIGUES; ALMEIDA, 2019, p. 4). Camila Morgana Lourenço, em seu artigo intitulado "O lugar 'não lugar' da mulher afro-brasileira na poética de Conceição Evaristo: uma leitura de Olhos d'água", faz um comentário sobre outra parte do conto onde a mãe distrai a fome das filhas com figuras imaginárias feitas das nuvens:

E quem é essa "mãe lúdica" que, mesmo sem esconder o desalento da face- pois "só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado" (EVARISTO, 2016, p. 17) escolhe, para ludibriar a miséria física, enredar o imaginário da prole feminina a infinidade de desenhos ensaiados pelas nuvens no céu até vislumbrar algodões doces para trazê-los em pedacinhos colhidos à mão por ela, e dividi-los entre as sete herdeiras de si- observadoras da "galeria céu" acima do "barraco moradia"? Da velocidade de extração e destinação do "alimento fantasia" dependiam daqueles sonhos pueris residentes na periferia carioca. "Eu sabia desde aquela época, que a mãe inventava esses e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraia". (LOURENÇO, 2018, p. 3912)

Conceição Evaristo, em suas obras, apresenta fatores enfrentados pela população negra moradora de favela, sejam eles de cunho étnico, culturais, sexistas, socioeconômicos e políticos. É o olhar de dentro: "[...] administram contextos, fazeres, problemas, soluções, desejos, carências, excessos: viveres comuns a centenas de moradores de favelas e de outros universos periféricos instalados na arquitetura atual" (LOURENÇO, 2018, p. 3912). Na dissertação de Dayvid de Farias Santos, a solução encontrada para esses problemas sociais se encontra na esfera política:

De outro, lado a dimensão política, são os direitos juridicamente reconhecidos que devem orientar a implementação de políticas públicas¹¹, portanto, o Estado assume o compromisso de garantir vivência dos direitos fundamentais de forma igualitária, sem deixar, no entanto de respeitar as liberdades individuais. (SANTOS, 2016, p. 29)

A resistência apresentada na obra de Evaristo é um fator importante na sua escrevivência. Resistir é manter-se de pé, cravar-se num espaço. Os ancestrais africanos construíram verdadeiras fortalezas ao redor de si, para se protegerem da escravidão. Para a escritora, escrever é uma forma de romper com o silêncio imposto por anos de escravidão e

¹¹ "Para efetivação do direito à educação, não só ela deve ser ofertada pelos poderes constituídos, como também são necessárias ações no sentido de permitir que as pessoas tenham condições de chegar até a escola, de frequentar e participar das aulas" (BARUFFI, 2011, p. 153). Disponível em: <<https://scholar.google.com.br>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

preconceito: é colocar-se como sujeito: "Dessa forma cidadã cumpre por meio de sua escrita o papel de dar voz, trazer á superfície, ao conhecimento do leitor aqueles que foram excluídos da vida dos centros econômicos e de poder" (PONCE; GODOY, 2014, p. 4).

Essa condição diaspórica do povo negro traz uma ideia de lugar de pertença da África como um território ligado ao povo afro-brasileiro. No caso do povo afro-brasileiro, quem tem o poder de narrar a história do povo negro é o povo branco, que tem acesso, com mais facilidade, à educação formal, distanciando o negro de sua própria memória; daí a importância de Conceição Evaristo na produção literária afro-brasileira.

Conceição Evaristo, dessa forma, se utiliza do pessoal, que é a vivência específica dessa narradora, para atingir a universal, que é vivência da maioria das mulheres negras brasileiras, vistas de forma estigmatizadas, donas de vozes silenciadas e de identidades abafadas. (ANDRADE, 2018, p. 14)

A presença da ancestralidade faz com que a protagonista trace fios de memória ao longo do conto. A memória em torno dos olhos da mãe, dos rostos das tias, ao longo das gerações. A ancestralidade no corpo da mãe surge como uma forma de escrevivência: "Podemos dizer assim que a escrevivência de Evaristo em *Olhos d'água* (2014) ao mesclar as memórias da mãe, o que concretamente não existe, uma vez, que se descobre que são olhos d'água, desvela a história dessas mulheres no Brasil" (ANDRADE, 2018, p. 11).

Conceição Evaristo, através da interseccionalidade, vem dar voz ao gênero representado por ela, demonstrando, em sua obra "*Olhos d'água*", a narrativa do subalterno, através da diáspora africana representada por seus ancestrais: "Reconhecer essas mulheres e a importância delas em sua formação é reconhecer a si mesma e também redescobrir-se. Mais do que prestar homenagem a essas mulheres, essas recordações revelam a busca pela própria identidade" (PONCE; GODOY, 2014, p. 5).

Movida pela dúvida da cor dos olhos da mãe, ela volta à cidade natal. Ela nunca esquecera as mulheres da família e, já naquele tempo, "[...] entoava cantos de louvor" (EVARISTO, 2014). É a voz dos ancestrais, a voz da África, da diáspora africana a clamar retorno ao seu lugar de origem, seu passado: "Diretamente ligada à voz autoral, a temática presente no conto dialoga com a identidade negra e com a ancestralidade, utilizando-se da imagem dos olhos para simbolizar essa união estabelecida entre passado, presente e futuro, que perpassa desde a avó até a neta" (PONCE; GODOY, 2014, p. 6).

Ela não esquecerá seus ancestrais, mas não lembrava a cor dos olhos da mãe. Estamos diante dos rios caudalosos que escorrem dos olhos da mãe. No abraço, as lágrimas se misturam, é o corpo da mãe e da filha que se expandem, tornando-se um só corpo:

Tais memórias, na maioria das vezes dolorosas, instigam a personagem a decifrar o enigma acerca da cor dos olhos de sua mãe. O conto evidencia especialmente questões sociais, as quais Conceição Evaristo insere, com propriedade, em suas obras, já que para a autora publicar é um ato político. (RODRIGUES; ALMEIDA, 2019, p. 3)

Quando a narradora alcança a cor dos olhos da mãe, descobre, em seus olhos, toda uma história, uma descendência que vai passando de geração a geração, assim como quando a filha indaga a cor dos seus olhos: “E quando jogava o olhar no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: — Mãe, qual é a cor úmida dos seus olhos?” (EVARISTO, 2014, p. 19).

A narradora tinha os olhos úmidos como os da mãe: neles se refletia toda uma história, uma descendência, o pranto, a dor, a resistência de toda uma diáspora, essa resistência que é passada de mãe pra filha, durante toda uma geração: “A coletânea apresenta ao leitor, sem mediações ou sentimentalismo, a experiência cotidiana com o racismo e os resultados avassaladores que ele provoca em todas as esferas da vida do indivíduo negro” (PONCE; GODOY, 2014, p. 5).

É interessante ressaltar o fato de que, no conto “Olhos d’água”, não aparece a figura masculina. Trata-se da descendência das mulheres. A interseccionalidade esteve presente na vida de Conceição Evaristo, como mulher, negra e pobre. Ela saiu dessa condição através dos estudos. Por isso, quando ela se utiliza de sua escrevivência, é a condição de quem passou por determinadas situações que aparece em seus contos. Em sua biografia ela relata sua infância de menina pobre e moradora de favela em Belo Horizonte. Ela conheceu a realidade enfrentada por mulheres negras e pobres. Conceição conhece os “nós” enfrentados pelas mulheres negras e o quanto esses “nós” dificultam a vida das mesmas. Seu olhar e sua escrita trazem a preocupação do sujeito-mulher-negra, através de uma escrita consciente e reivindicatória.

4.2 A quebra de paradigmas sociais no conto “Quantos filhos Natalina teve?”

Este conto apresenta a personagem Natalina, que engravida ainda adolescente e sua mãe quer que ela faça um aborto. Natalina foge de casa e entrega o bebê para a enfermeira que participou do nascimento. O segundo filho Natalina deixa com o pai. O terceiro ela concebeu para ajudar a patroa que não podia ter filhos. Ela vai assumir a sua quarta gravidez, fruto de um estupro. Natalina transgride os moldes tradicionais de mulher, que são casar e constituir uma família: queria viver a vida sem compromisso com criança e marido. Diógenes e Cardoso, em seu artigo “Representação do corpo subalterno da mulher negra em contos de Conceição Evaristo” falam sobre essa condição da personagem enquanto transgressora dos papéis impostos socialmente: Com a personagem Natalina acontece de forma diferente, uma vez que para ela os filhos representam um atraso e a tornava devedora de alguém. (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p.10)

Com relação ao primeiro filho, a mãe queria que ela assumisse com o namorado ou então iria levá-la para fazer um aborto com Sá Praxedes. Natalina fugiu de casa e deu o filho para a enfermeira que ajudou a fazer seu parto. Sua segunda gravidez foi de um namorado: Tonho. Mas, quando se viu grávida de novo, Natalina entrou em desespero: "Ela, envergonhada, contou-lhe que estava esperando um filho. Que ele a perdoasse" (EVARISTO, 2014, p. 46). Natalina não queria aquele filho. Queria a liberdade, não queria se amarrar em homem e filho:

Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher feliz. Uma casa, um homem, um filho...voltou levando consigo o filho que Natalina não quis. (EVARISTO, 2014, p. 46)

Pinsky descreve o papel da mulher nos moldes tradicionais e as mudanças ocorridas com o passar dos tempos: “É certo que nem sempre as mulheres se espelharam nas imagens construídas sobre elas. E é evidente que os modelos não descrevem a realidade, esta muito mais rica e cheia de possibilidades” (PINSKY, 2012, p. 470). Natalina queria romper com esse papel imposto às mulheres socialmente por milênios e Tonho se viu rejeitado, sem entender a atitude de Natalina de não querer constituir uma família com ele. Ela ia contra a natureza feminina: “[...] o instinto maternal, a fragilidade e a dependência” (PINSKY, 2012,

p. 471). Em contrapartida, ia ao encontro dos ideais masculinos: "força, racionalidade e coragem" (PINSKY, 2012, p. 471). Natalina, ao rejeitar a condição de mãe e esposa, inverte os papéis impostos socialmente ao homem e à mulher. Ela quebra com os paradigmas impostos pela sociedade em que a mulher almeja o casamento e a presença de um homem para lhe trazer segurança. Natalina desejava mais que isso, ela desejava liberdade e casar-se aos seus olhos era forma de aprisionamento. (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 11). Quanto ao terceiro filho, a personagem, em comum acordo com a patroa, que não conseguia engravidar, cede a esta sua barriga para que a patroa consiga realizar seu sonho da maternidade: "Deitaria com o patrão sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu algum perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia" (EVARISTO, 2014, p. 47).

A personagem da patroa, ao contrário de Natalina, sente necessidade da maternidade: segue os padrões antigos da família tradicional constituída por pai, mãe e filhos: "[...] as mulheres eram 'por natureza', destinadas ao casamento e à maternidade" (PINSKY, 2012, p. 470). E Natalina, ao gerar a criança e dá-la à patroa, realiza o sonho desta de ser mãe. "Natalina dessa vez engravida por um 'ato de caridade', empresta seu ventre para gerar o filho dos seus patrões, pois a patroa não poderia realizar o sonho de ser mãe, e só ela poderia ajudá-los na realização desse sonho, deitando-se com seu esposo" (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 11).

Em seu ensaio *A era dos modelos rígidos*, Pinsky fala sobre essa condição a que a empregada doméstica ficava submetida quando morava no trabalho, principalmente a mulher negra: "Era comum que as empregadas morassem na casa dos patrões, dormindo em quartinhos mínimos, por vezes sem janela, ou na própria cozinha. Tanto nas áreas rurais quanto nas cidades, ficavam vulneráveis ao assédio dos homens da casa" (PINSKY, 2012, p. 497). Natalina morava no trabalho e possuía um quartinho de empregada: "A patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada".

Para a patroa o que importa é ter filhos: "A fidelidade do esposo não é contrapartida da sua (esta sim obrigatória). A afinidade sexual entre os cônjuges não é fundamental. Importa mesmo é constituir família, crescer e multiplicar" (PINSKY, 2012, p. 487).

Ao emprestar seu ventre para gerar o filho da patroa, Natalina está sendo explorada em sua condição de empregada, a patroa utiliza de seu corpo para poder ter um filho e Natalina como precisa do emprego acaba cedendo, não por vontade própria, mas pela situação de

subalternidade que vive na casa da patroa, mas uma vez é explorada em sua condição de mulher, negra e pobre.

Natalina acaba cedendo seu ventre para que a patroa realize o sonho de ser mãe. Porém, sem inseminação artificial e sim deitando com o patrão em comum acordo com o casal. Natalina, mais uma vez, é explorada em sua condição de subalternidade. Tendo em vista que seu trabalho era o que lhe dava sustento, mesmo que de forma precária, ela se vê "obrigada" a ceder o corpo para não perder o emprego. Conforme Diógenes e Cardoso:

Natalina, até então, não aparenta nenhum sentimento com as crianças que e gera no seu ventre, pelo contrário, ela os vê com repúdio, como nove meses odiosos, resumidos a enjoos, nada mais que isso. Ela, enfim, não indica nenhum remorso ou padecimento por não demonstrar amor pelos filhos que gera no seu ventre. (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 11-12)

Nessa situação, Natalina está sofrendo a violência simbólica. Ela cede e não percebe que isso é uma violência. É a patroa que pede. Não é ela que deseja ser mãe. Apesar de todos os incômodos da gravidez ela "aceita" engravidar. Pierre Bourdieu explica essa situação de violência onde a vítima aceita essa condição:

Pelo fato de o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as reproduzem, só pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. (BOURDIEU, 2002, p. 54)

O quarto filho, o qual Natalina irá criar sozinha, será gerado por um estupro sofrido pela personagem, que é obrigada, portanto, a ter seu corpo usado sem seu consentimento para dar prazer a um homem:

Queria lembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que por mais que se esforçasse, não conseguiria retornar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. De vez em quando o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos

estavam amarradas e doíam. Em um dado momento, o carro parou e o que estava ao seu lado desceu. (EVARISTO, 2014, p. 49)

A violência, ainda na atualidade, é um dos mais eficientes mecanismos de ameaça de domínio masculino. O número de violência contra a mulher e de feminicídio é crescente: não só os abusos e mortes, como também a violência ideológica e os jogos psíquicos. O mais evidente nesse relato é uma causa muito comum de violência sexual contra a mulher: o “desejo” pelo corpo, a posse.

Como assinala Bourdieu: “A virilidade como se vê, é uma noção iminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2002, p. 66).

Larissa Lopes Flois, em seu artigo: “*Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo: gênero e violência contra a mulher na cultura brasileira”, fala sobre o homem que estupra a mulher pensando em sua própria satisfação:

Ao violentar uma mulher para lhe dar prazer, um homem se vê no direito de usá-la para si próprio. As violências sexuais são atos de extrema misoginia¹² que demonstram como alguns homens desprezam as mulheres e acreditam que estas só servem para servi-los. (FLOIS, 2017, p. 7).

O homem relatado aqui é a figura masculina típica da sociedade patriarcal e sexista: apropria-se da mulher como um objeto do seu prazer e a violenta sendo esta subjugada e obrigada ao sexo sem consentir, decorrente do medo que sente: “Os casos de estupro se originam da objetificação das mulheres, da ideia de que elas estão ao dispor do homem” (FLOIS, 2017, p. 7).

Natalina foi estuprada por mais de um homem, teve seu corpo judiado e explorado para satisfazer os “desejos” de homens cruéis que exploraram seu corpo:

Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deviam ser umas três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por

¹² “As discriminações que resultam no feminicídio começam, inúmeras vezes, pelo ódio desenvolvido às mulheres em algum ponto da vida. A esse ódio ao sexo feminino dá-se o nome misoginia. Misóginos são todos os homens que odeiam as mulheres e podem nem saber conscientemente que as odeiam. O sentimento é formado, muitas vezes, no início da vida, como resultado de um trauma, que envolvia uma figura feminina de confiança. Uma professora que foi mais severa na escola, a mãe que deu uma ordem mal interpretada ou qualquer mulher que não fez a “vontade” do menino e o fez dar início à formação dessa crença feminista” (FLOIS, 2017, p. 11).

volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Estava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela, Depois tombou sonolento ao lado. (EVARISTO, 2014, p. 49,50)

Natalina sofre pressão do homem que pega seu corpo, usa-o para sua satisfação e utiliza seu corpo como objeto sexual: “A mentalidade de que as mulheres devem servir aos homens e que não são dignas de respeito faz com que a violência aumente. Se a cultura do país, que culpabiliza vítimas de estupro, que objetifica o sexo feminino como posse do masculino, não é controlada, mais e mais mulheres sofrem com essas práticas hediondas” (FLOIS, 2017, p. 2). É uma situação desumanizada, que envolve o machismo e o racismo. “Enquanto animais ditos irracionais comem, dormem, produzem ao som de uma bela música, mulheres são espancadas, humilhadas, estupradas” (SAFFIOTI, 2004, p. 61). As mulheres são as maiores vítimas do estupro, Natalina se encontra na condição vulnerável, suscetível a essa condição de violência sexual dada sua condição de mulher. O número de mulheres estupradas no Brasil é muito grande, principalmente da mulher negra. Estas se encontram em maior vulnerabilidade dada a sua condição racial: “[...] o perfil das mulheres vítimas no Brasil, é de maior vulnerabilidade das mulheres negra, com um aumento de 1864 para 2.875 - 54% - no período de 2003 a 2013” (FLOIS, 2017 p 13). Quando se fala de estupro é uma combinação dupla entre o machismo e o racismo, sobretudo da mulher negra que, além do componente de ser mulher ainda é vista como serviçal ao homem desde os primórdios da escravidão onde eram estupradas pelos senhores de escravos. A violência sofrida pela mulher negra é superior às sofridas pelas mulheres brancas. Segundo Flois:

Inferiorizadas e objetificadas as mulheres vêm sentindo na pele a desigualdade entre os gêneros imposto pela sociedade que afirma que os homens são seres de mais valor e podem realizar o que entenderem. Esse pensamento fez com que práticas de controle e agressão se tornassem comuns em relação às mulheres. A cultura que prega a inferiorização da mulher, mesmo de forma velada, é o que motiva as ondas de assassinatos e violências sofridas pelo sexo feminino. (FLOIS, 2017, p. 1-2)

Ao final do conto, Natalina assassina seu algoz: “Foi quando ao consertar o corpo, para afastar-se dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu que era a arma dele. O

movimento rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também” (EVARISTO, 2014, p. 50). Legítima defesa. Nesse tipo de reação, o medo, a violência e o abuso atingem níveis extremos: "Essa ação justifica-se pela violência física e moral sofrida, que se aglutinam com os sentimentos de vergonha, medo e dor" (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 13). Ao ver uma arma ao seu lado, e sem saber o que poderia acontecer com ela, quando o estuprador acordar, atira sem titubear. A angústia maior da personagem é ter seu corpo violado, lesionado e abusado: "Ao violentar uma mulher para lhe dar prazer, um homem se vê no direito de usá-la para si próprio. A violências sexuais, são atos de extrema misoginia que demonstram como alguns homens desprezam as mulheres e acreditam que essas só servem para servi-los" (FLOIS, 2017, p. 7).

Natalina, depois desse ocorrido, descobre-se grávida e resolve assumir essa gravidez, tendo o filho só para si: “Pela primeira vez, a gestação lhe proporciona o sentimento de completude e felicidade, sendo capaz de apagar as marcas da violência deixadas no seu corpo" (DIÓGENES, CARDOSO, 2018, p. 13). Diante desse contexto, a maternidade é uma forma de autorrealização, sacrifício e de valorização, o corpo feminino aparece como o que guarda, protege e dá segmento a vida. Em partes das narrativas de Evaristo aparece essa aceção da maternidade. De acordo com Diógenes e Cardoso:

Desse modo, o corpo subalterno da mulher negra, apresenta-se como díspar, pois Natalina não se coloca no lugar de vítima por ter sido estuprada, pelo contrário, ela vê na dor a possibilidade de renascer e recomeçar uma nova vida, mantendo a tutela do seu corpo, sem dívidas com ninguém. (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 13)

Em “Quantos filhos Natalina teve?”, a protagonista, quando grávida, enche-se de uma “coragem masculina”: “Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho, pulou lá dentro, respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma” (EVARISTO, 2014, p. 43).

Conforme indicado nessa passagem citada anteriormente, a protagonista, quando grávida, volta-se para si mesma de uma maneira quase narcisista. A maternidade, aqui, é apontada como sinônimo de bravura, uma coragem quase “masculina”, ao assumir, sozinha, o filho de um estupro. Segundo Diógenes e Cardoso:

A recusa da maternidade nesse conto rompe com a ideologia sociocultural, uma vez que a dialética da violência apresentada nesta narrativa surge como forma de libertação, uma mulher que só assume o papel de genitora quando é

do seu desejo, quando a faz sentir-se completa, dona de si, sem necessitar preencher seus vazios com alguém. (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 13)

Na cena em que ocorre o estupro, constata-se que Natalina, ao sofrer a violação sexual, se coloca em uma posição de tortura tão grande que entrou em uma mortificação: Vivências e posturas específicas se repetem ao longo das narrativas, a fim de consolidar a figura da mulher que é explorada sexualmente e, conseqüentemente, essas posturas retratam o corpo materno como aquele que irá ser o sustento da prole quando o abandono da figura paterna possibilita o desenvolvimento pleno do filho.

A maternidade assumida por Natalina foi uma opção que a encheu de felicidade: “Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma” (EVARISTO, 2014, p. 50).

No conto analisado nesta subseção do trabalho, aparece fortemente a questão do gênero, classe e etnia. Nas obras da escritora encontramos a questão de gênero sendo tratada a partir de um ponto de vista bastante específico. Localizamos, com facilidade, a descrição dos cenários de subalternidade que a mulher negra encontra em seu cotidiano, situação bem diferente daquela vivida pela mulher branca, que alcançou mais direitos e sempre foi vista de forma diferente da mulher negra, já que esta se encontrou sempre na condição de "esquecida".

Esses dois contos apresentam os três nós: gênero, classe/etnia e pobreza. O Brasil é um país de maioria negra, mas as questões do racismo ainda não são discutidas de forma efetiva. Muito disso se dá devido ao mito da democracia racial que foi criado no Brasil. No entanto, existe uma segregação no Brasil muito marcada, principalmente no que refere às mulheres:

Retomando ao nó (SAFFIOTI, 1985), difícil é lidar com essa nova realidade, formada pelas três subestruturas: gênero, classe social, raça/etnia, já que é presidida por uma lógica contraditória, distinta das que regem cada contradição em separado. Uma voz menos grave ou mesmo aguda de uma mulher é relevante em sua atuação, segundo o preconceito étnico-racial, e, mais seguramente, na relação de gênero e na de classes sociais. (apud SAFFIOTI, 2004, p. 125)

Existe uma segregação muito marcada no Brasil, que foi criado com o mito de harmonia. Vivemos em um país miscigenado e parte dessa miscigenação se dá, na verdade, devido ao estupro das mulheres negras e das mulheres indígenas. Devemos romper com essas barreiras do preconceito e trabalhar de forma efetiva através da educação e dos direitos

humanos essa dificuldade que o Brasil tem de se ver como um país racista e preconceituoso e dar oportunidade aos excluídos socialmente pelos "nós" que perpassam nossa sociedade.

4.3 A violência no conto “Ana Davenga”

No conto “Ana Davenga”, a autora apresenta a vida de Ana. Ela conhece Davenga em uma roda de samba e opta em viver com ele em seu barraco, na favela. Davenga é chefe de bandidos, que executam crimes como roubos a banco e assaltos. Este conto relata o dia da festa surpresa do aniversário de Ana feita por Davenga. No decorrer da história, ela é morta, juntamente com seu companheiro Davenga. Neste conto, são abordados alguns tabus sociais brasileiros, tais como: a situação machista do personagem e a violência enfrentada pelos moradores de favela.

Os personagens deste conto correspondem a representações de seres humanos comuns que vivem situações violentas, não por escolha, mas por estarem em situações desfavoráveis socialmente. Eliza de Souza Silva e Araújo e Liane Schneider em seu artigo “Ana Davenga de Conceição Evaristo: A língua plural do corpo”, falam sobre essa questão encontrada no conto: “No conto, diferentes esferas da sociedade, se mostram e entram em conflito e é clara a distância entre elas, que não é geográfica, mas humana, e fortemente influenciada por questões de raça e classe que orientam fortemente as relações sociais no Brasil” (SILVA; SCHNEIDER, 2015, p. 2).

Ana conhece Davenga em uma roda de samba, apaixonou-se e vai morar com ele. Davenga é um homem negro que vive no mundo do crime e apaixonou-se por Ana quando a vê dançando em uma roda de samba. Chega em Ana e a convida a subir o morro e ir morar com ele. Ela deixa sua vida pra trás e segue com Davenga: “Ana, mulher negra, envolvente, feliz, apaixonou-se por Davenga, o chefe dos bandidos da comunidade. À medida que vai conhecendo Davenga, Ana vai vislumbrando um pouco sua personalidade. Mas, como estava apaixonada, só enxergava aquilo que queria. Não via Davenga como um criminoso: “Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus mas invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam em seu corpo” (EVARISTO, 2014, p. 22).

Ana escolhe morar com Davenga, visto que, para ela, viver era correr risco: ela decide por morar no morro com Davenga, se comprometendo, assim, com um homem do crime, deixando de lado sua liberdade. Ao tomar essa decisão, Ana vive seu amor por Davenga sem

se importar com as regras impostas pela sociedade. Escolhe amar o homem mesmo sabendo dos seus atos ilegais. Escolhe o amor e a proteção de Davenga:

Ana, na condição de mulher de assaltante, moradora de favela, não tinha direito de escolher, se propõe somente a amar aquele sujeito, como e quando quisesse ou pudesse, uma vez que Davenga se escondia da polícia. Ana não teve medo de amar, por mais que tivesse consciência dos preconceitos sociais. Ela sabia que Davenga estava envolvido em atos ilegais, ela vivia a espera de notícias, já que viviam em um ambiente que sempre havia anúncios de ações violentas. (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 11)

Ana sabia que Davenga era uma pessoa violenta, mas, mesmo assim, não se importa com a situação: "A proteção oferecida por Davenga a Ana era um modo de fixar o posicionamento do homem negro, no que diz respeito à virilidade ao enxergar-se 'dono' do corpo da mulher" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 9). Ela era, portanto, propriedade do marido, seu objeto sexual. Era valorizada pela sua beleza e companheirismo: "Ana representa as escolhas, o prazer consciente e a autonomia na sua jornada ao lado de Davenga" (ARAÚJO; SCHNEIDER, 2015, p. 6). Não importava com o que o marido fazia para mantê-la e conseguir dinheiro: "Ela era cega, surda e muda no que se referia aos negócios dele" (EVARISTO, 2014, p. 22). Ana representa milhares de mulheres que, ao estarem inseridas no contexto de moradoras de favela, optam por serem companheiras de homens do crime:

Em Ana e no seu corpo, encontramos resistência a essas imposições. Invés de manipulada pelo sistema representado, por meio de qualquer trabalho mal remunerado, Ana opta por morar com um criminoso que lhe daria uma vida financeiramente estável no morro. Invés de abusada fisicamente, Ana se insere num contexto em que tem proteção de Davenga para que nenhum outro homem a importune ou abuse sexualmente dela. (ARAÚJO; SCHNEIDER, 2015, p. 10)

Davenga, em um momento de intimidade, revela a Ana que matou Maria Agonia, uma ex-namorada, filha de um pastor evangélico que tinha o hábito de pregar em presídios e, ainda assim, Ana não tem medo de continuar com ele:

Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah, então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Saiu dali era bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. [...] Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço por ele. Dias depois, a seguinte mensagem aparecia nos

jornais: 'Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. (EVARISTO, 2014, p. 28)

Davenga, pautado em sua condição de macho, decide matar Maria Agonia e ordena que um de seus capangas execute o crime, pois, no momento em que ela decide não viver com ele, assina sua sentença de morte, já que este, sendo rejeitado, decide dar fim à vida dela. Davenga, ao sentir-se rejeitado por Maria Agonia, manda matá-la, pois não aceita a situação de ser usado como objeto sexual e, com isso, decide executá-la. Segundo Flois:

Por mais que o conto seja, sobre Ana o assassinato de Maria Agonia é o que nos chama a atenção. Davenga manda matar uma mulher porque esta não quis continuar a vida com ele; não quis deixar a sua vida para viver a dele; não quis fazer a vontade dele. O assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher, motivado, usualmente, pelo ódio, pelo desprezo ou pelo sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres é chamada de feminicídio. Essas atitudes são comuns, infelizmente, nas sociedades patriarcais e machistas, em que a mulher tem um papel totalmente discriminatório como é o caso do Brasil. (FLOIS, 2017, p. 5)

De acordo com sua visão sexista, apenas o homem tem o direito de rejeitar a mulher: "Na sociedade patriarcal, o prazer é uma particularidade conferida comumente ao homem. E quanto mais numerosa a quantidade de mulheres em volta maior o estereótipo de 'macho', de homem de superioridade" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 9). Por não aceitar a decisão de Maria Agonia, Davenga decide que ela seja morta, pois ela ferira seu ego. Segundo Saffioti: "Como o homem detém poder nas suas relações com a mulher, só ele pode ser sujeito do desejo. Não resta a ela senão a posição de objeto do desejo masculino" (SAFFIOTI, 1987, p. 19). Maria da Agonia estava usando o corpo de Davenga para ter prazer e o mesmo não aceitou esse arranjo. Maria, ao tirar esse poder das mãos de Davenga, paga com sua própria vida. Davenga utiliza-se desse suposto "poder" para mandar executar Maria Agonia. Krug e Dahberg refletem:

A inclusão da palavra "poder", completando a frase, "uso da força física" amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. O "uso do poder" também leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. (KRUG; DAHBERG, 2007, p. 1165)

Ana se submete a Davenga como sua propriedade: "Resolveu então que a partir daquele momento chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem no seu corpo e no

seu nome" (EVARISTO, 2014, p. 26-27). Ao se anular como mulher e sentir orgulho em ser propriedade de Davenga, Ana proporciona orgulho a ele, passa a ser reconhecida como a Ana do Davenga. Segundo Richartz: "No limite, antes de se casar, a mulher tem reconhecimento social porque está sob a tutela do pai. Depois, porque tem um marido que lhe dá um nome e proteção" (RICHARTZ, 2007, p. 37). Em nossa sociedade machista, determinados homens acham que a mulher é sua propriedade. Segundo Cardoso e Silva: "Ana não teve medo de amar, por mais que tivesse consciência dos preconceitos sociais [...] Ela desejava construir uma família, e por mais agressivo e bruto que fosse Davenga, ele não conhecia ato de agressão contra ela, pois Davenga tinha paixão por Ana" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 11).

A história narrada aqui evidencia, também, a realidade da violência que acontece nas favelas. Ana é assassinada depois da comemoração do seu aniversário e trazia no ventre um filho. Ao lermos essa passagem, nos damos conta de que essa situação acontece com várias "Anas" em nossa sociedade e nos vimos a ter sentimentos de empatia e compaixão pela personagem e somos convocados a buscar formas de superação e auxílio a esses grupos. Sentimos até uma certa culpa pelo desfecho trágico da personagem: "Ana Davenga apresenta inúmeras problemáticas que estão em torno das mulheres da nossa sociedade" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 8).

Conceição Evaristo proporciona aos leitores, desta forma, através da verossimilhança de seus personagens, sentimentos de aflição e temor pelo que vem a acontecer com eles. Quantas "Anas" morrem todo dia por se dedicarem à pessoa errada? Conceição Evaristo nos leva a refletir sobre nossos posicionamentos frente aos menos favorecidos e olhá-los com ternura, compaixão e notarmos que seus sentimentos não são diferentes dos nossos: "É uma narrativa embora ficcional, é semelhante às vivências de mulheres de criminosos das comunidades do Brasil, embora seja um texto literário, simboliza histórias reais sobre as quais desconhecemos" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 8).

No momento da invasão de sua casa percebemos seu desespero pelo filho que corre o risco já na barriga: "Uma metralhadora apontou para dentro da casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda" (EVARISTO, 2014, p. 30). Esse momento enfrentado por Ana nos leva a sentimentos de compaixão por sua postura diante de tamanha violência. Ana, que ocultou sua gravidez ainda no início, não pode viver inteiramente a maternidade, pois a violência interrompeu essa experiência. Lembremos que Althusser, ao nos apresentar os aparelhos repressivos do estado, nos fala sobre a polícia e de como ela usa de coação com os favelados:

É que em si mesmo o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia. (Não há aparelho puramente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também pela ideologia, simultaneamente para assegurar sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projectam no exterior. (ALTHUSSER, 1980, p. 47)

A polícia invadiu o barraco e matou Ana, sem esta ter oportunidade de se explicar. Essa é uma triste realidade nas favelas brasileiras. Muitas Anas são vítimas do sistema policial que deveria defender, porém mata os menos favorecidos porque estes se encontram em situações e locais que a polícia julga estar sendo um mal para a sociedade. A polícia mata mostrando o poder do aparelho repressivo já que o poder ideológico age usando, por exemplo, os meios de comunicação para justificar a ação dos policiais. Aparece, assim, o papel manipulador do estado fica claro ao anunciar no noticiário: "[...] os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço" (EVARISTO, 2014, p. 30). Será que as pessoas, ao ouvirem esse noticiário, vão saber que Ana estava tentando proteger o filho que trazia no ventre? Essa é a realidade dos menos favorecidos que acontecem hoje no Brasil, a manipulação midiática dos sujeitos que vivem em favelas. Por isso Althusser, nas palavras de França:

[...] não só distingue o poder do Estado (a possibilidade de dispor da força repressiva dos aparelhos do Estado) e aparelho do Estado (as instituições que usam o poder do Estado por meio da repressão), mas assevera pela existência "dos aparelhos ideológicos do Estado". Tem-se então, duas realidades, enquanto os aparelhos repressivos de Estado (ARE) operam pela violência, os aparelhos ideológicos de Estado (AIE), funcionam com base na ideologia. (FRANÇA, 2017, p. 47-48)

No caso de Ana, ela não era nenhuma bandida: era mulher de uma pessoa que era bandido e, com isso, pagou com a própria vida. Para Ana não foi dada sequer a chance de se defender. Ana vivia em constante estado de alerta. Vivia pressentindo e antecipando o perigo, sempre rondando sua vida:

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? (EVARISTO, 2014, p. 22)

Para Ana, antecipar o sofrimento era uma estratégia de sobrevivência. Era o instinto de sobrevivência tão comum aos grupos sociais fragilizados. Essa antecipação do sofrimento é o que possibilita criar estratégias para reagir nos momentos perigosos e angustiantes. Ela começa a temer pelas vozes e barulhos ao redor do seu barraco. O que estava por acontecer era a surpresa pelo seu aniversário: "Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela tão viciada na dor fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento" (EVARISTO, 2014, p. 29).

Por ironia, justamente após a comemoração do aniversário, a casa de Ana é invadida por policiais e aquilo que Ana havia pressentido se torna real: a morte trágica dela, do seu companheiro e de seu filho: "Na favela os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga" (EVARISTO, 2014, p. 30). Ana é assassinada brutalmente por estar acompanhada de Davenga: "Ana foi assassinada, mesmo sem esboçar resistência à abordagem policial" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 14). Ao falar sobre violência, Etienne G. Krug e Linda L. Dahberg falam sobre a violência interpessoal e a dividem em dois grupos: a de família e a de comunidade:

Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: 1) violência de família e de parceiros íntimos- isto é, violência principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares, violência na comunidade - violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem, geralmente ocorre fora dos lares. (KRUG; DAHLBERG, 2007, p. 1166)

Ana sofreu a violência de comunidade, através dos aparelhos de proteção que deviam resguardá-la, mas, no entanto, a aniquilaram: "Assim tal qual, como na ficção e vida real, as mulheres negras são vítimas da violência suscitadas pela discriminação" (CARDOSO; SILVA, 2017, p. 15).

Essa tragédia apresentada no conto é uma condição em que vivem os moradores de favelas, que acabam se enquadrando nas condições sub-humanas. Trata-se de uma tragédia comum na contemporaneidade e que aparece nos contos de Evaristo. São os lugares comuns de desigualdade: "Ana representa, no conto, as milhares de mulheres que vivem ao lado de homens do crime" (FLOIS, 2017, p. 5). Atualmente, a posição social vem sendo internalizada pela sociedade e a aceitação dessas condições sub-humanas está sendo encarada de forma

natural com os diferentes tipos de desigualdade que nos cercam diariamente. Segundo Althusser:

Será útil referir que essa determinação do duplo "funcionamento" (de maneira prevalente, de maneira secundária) pela repressão e pela ideologia, consoante se trata de aparelho (repressivo) de Estado ou de Aparelhos Ideológicos de Estado, permite compreender o facto de constantemente se combinações muito sutis explícitas ou tácitas entre o jogo do Aparelho (repressivo) do Estado e o jogos dos Aparelhos Ideológicos de Estado? A vida quotidiana oferece-nos inúmeros exemplos disto que é preciso estudar em pormenor para irmos mais além da simples observação. (ALTHUSSER, 1980, p. 47-48)

A polícia, a quem cabia o papel de proteção às pessoas, é quem, em diversas situações, tira a vida de pessoas inocentes, sem ao menos estas terem a chance de se defender. Cardoso e Silva afirmam que:

Ainda que Davenga fosse um criminoso e fosse um risco aos policiais, na ficção e na realidade, a função da polícia não é tirar a vida dos meliantes. Por mais que Ana significasse conivente às ações de Davenga, não oferecia perigo aos policiais. Notamos na narrativa uma certa denúncia e provocação de Conceição Evaristo sobre os atos violentos e resistência sucedida de morte como é rotulado o homicídio feito sobretudo por policiais nas metrópoles e que tenta explicar o elevado número de genocídio dos jovens negros no Brasil. (CARDOSO; SILVA, 2017, p.14)

Ao dar luz a situações trágicas, vivenciadas pelos moradores de favela, Conceição substitui sentimentos reais por sentimentos de compaixão e solidariedade aos grupos condenados socialmente à marginalidade.

4.4 A subalternidade feminina no conto "Maria"

O conto "Maria" é uma narrativa em terceira pessoa em que a personagem principal, após terminar um dia de trabalho como empregada doméstica, retorna para casa muito feliz por levar consigo os restos da festa da patroa e uma gorjeta. Com esse dinheiro iria comprar remédio para os dois filhos menores, que estavam doentes. Maria é mãe solteira de três filhos. A protagonista pega um coletivo para retornar para casa e, ao sentar-se, o seu ex-companheiro, pai de seu filho mais velho de 11 anos, senta-se ao seu lado. Esse encontro alegre e enche de felicidade a personagem: seu ex-companheiro começa a sussurrar ao seu

lado lembranças felizes da vida dos dois. O ápice da felicidade da personagem é quando o homem pede que ela leve um abraço para o filho, com o qual o mesmo não convivia.

O conflito da narrativa se dá quando acontece um crime dentro do ônibus. Maria é brutalmente assassinada. Ela é linchada pelos passageiros do coletivo que a julgam comparsa dos assaltantes que acabaram de assaltar o ônibus, pois o seu ex-companheiro e um comparsa, antes de desembarcarem, sacam a arma e anunciam um assalto. Após isso, descem do coletivo. Como consequência, Maria é impossibilitada de chegar à casa para levar o recado do ex-companheiro e os restos de comida que a patroa deu para os filhos: “No conto, vemos como a personagem principal teve o seu corpo criminalizado. Muitos dirão que ela estava falando com o ‘bandido’, o ‘assaltante’ e que isso justificaria a violência dos passageiros do ônibus. Mas, obviamente, a sua condição de mulher negra determinou, até mesmo encorajou a onda de violência da qual foi vítima” (RODRIGUES, 2016, p.11).

Podemos perceber, já nas primeiras linhas da narrativa, que a protagonista se sente inferior à patroa, a ponto de aceitar os seus restos com satisfação: “[...] levava para casa os restos [...]. Estava feliz, apesar do cansaço” (EVARISTO, 2014, p. 39). Maria sofre da violência simbólica ao aceitar sua condição inferior à patroa e sentir-se feliz em receber os restos da mesma. O que não servia para a patroa e seus familiares serviria, portanto, aos filhos de Maria: “Havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos” (EVARISTO, 2014, p. 39).

Daniel Pulcherio Iensterseifer e Luana Teixeira Porto, em seu artigo “Literatura e Direitos humanos: Uma relação descrita em contos brasileiros contemporâneos”, relatam sobre essa condição de inferioridade de Maria diante da patroa: “A apresentação inicial do conto já destaca essa diferença social entre a mulher pobre, empregada, e a mulher rica, patroa, o que revela dados da história de segregação do país, dividido entre a massa de miseráveis e a pequena elite de abastados” (IENSTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 68). Maria sente-se grata e feliz ao poder levar os restos para casa. No caminho, vai pensando na felicidade dos seus filhos, ao receberem o que foi considerado lixo para o outro. Maria levava para seus filhos o que seria destinado à lixeira. A patroa sente-se superior à empregada por estar em uma posição social privilegiada. Pode destinar o que é lixo e os dar para os filhos de Maria, que se sente feliz pela “gentileza”. Maria é uma pessoa invisível. A ela são destinados os restos. Oscar Vilhena Vieira e Scott Dupree, em seu artigo “Reflexões acerca da sociedade civil e dos direitos humanos”, abordam essa condição de invisibilidade das classes menos favorecidas:

Sua submissão opaca e silenciosa às mais altas realidades hierárquicas torna-os invisíveis. Essa invisibilidade é reforçada por um aspecto cultural algumas vezes aceito, e até aprofundado, com a convivência de membros desses grupos invisíveis. (VIEIRA; DUPREE, 2004, p. 9)

Ângela Davis fala sobre as mulheres negras como empregadas domésticas desde o término da escravidão e também sobre a remuneração que recebiam ao exercer essa função:

Nos Estados Unidos, as mulheres de minorias étnicas- especialmente as negras - têm sido remuneradas por tarefas domésticas há incontáveis décadas. Em 1910, quando mais da metade de todas as mulheres negras trabalhava fora de casa, um terço delas era contratado como trabalhadoras domésticas remuneradas. Em 1920, mais da metade era de serviços domésticos e, em 1930, a proporção havia crescido para três em cada cinco. (DAVIS, 2016, p. 239)¹³

A personagem Maria espelha “[...] as mulheres subalternizadas que precisam batalhar constantemente, para prover o sustento da família” (RODRIGUES; ALMEIDA, p. 8). No livro *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Chakravorty Spivak fala sobre as mulheres indianas que também são excluídas e marginalizadas na Índia. Conforme aparece no livro, "A questão da 'mulher' parece ser a mais problemática, com relação à subalternidade. Para ela é evidente que se você é mulher, negra e pobre, está envolvida de três maneiras" (SPIVAK, 2010, p. 85). Esse triplo envolvimento leva a mulher negra a tornar-se subalterna, inclusive se comparada às demais mulheres. Além disso, cor da pele se torna intensificador da inferiorização e preconceito.

Ilcemara Regina Farenzena, Olívia Aparecida Silva e Maria Perla Araújo Morais, em seu artigo: "Maria e Duzu-Querença: o lugar de fala os contos de Conceição Evaristo", também falam sobre o lugar de fala que está destinado à mulher negra:

¹³ Em nossa sociedade é fato que as mulheres pertencentes às classes sociais mais exploradas, mais humildes, em sua maioria são as mulheres negras. Elas são a maioria no mercado de trabalho doméstico e de faxina. A pesquisa *O Emprego Doméstico no Brasil* (Dieese/2013), considerando o período de 2004 a 2011, mostrou que a tendência de elevação do percentual de trabalhadoras domésticas negras em todas as regiões do país, exceto para a Região Norte, que teve uma redução- abaixo de mínima diríamos - de 79,6% em 2004, para 79,3%, em 2011. A região Sudeste registrou o maior aumento de mulheres negras ocupadas no trabalho doméstico no período, com o percentual correspondendo a 52,3%, em 2004, e atingindo 57,2% em 2011. Em todas as regiões e circunstâncias, a mulher negra tem remuneração inferior à da mulher não negra. Enquanto uma dinastia negra recebe R\$5,34 pela hora trabalhada, a não negra ganha R\$6,94. Em relação à idade, a suscetibilidade também é maior. Em 2004, o índice de empregadas domésticas negras entre 10 e 17 anos era de 7% contra 4,9% de não negras. Em 2011, este número reduziu de 4,3% para 3,4%, respectivamente (NÓS MULHERES DA PERIFERIA, 2015, p. 1).

Para Djamila Ribeiro, autora do livro *O que é lugar de fala?* o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Por isso, para ela o lugar de fala pode ser visto, como um meio de refutar o que foi determinado hierarquicamente além de mostrar que essa hierarquização dificulta a possibilidade de transcender nesse meio. (FARENCENA; SILVA; MORAIS, 2019, p. 3)

Logo, o sujeito subalterno feminino encontra-se mais profundamente na obscuridade devido a questões de gênero. Maria, como muitas mulheres pertencentes à classe social desprivilegiada, estabelece uma relação com o mundo através da sua força de trabalho. Maria transita diariamente da favela ao centro, testemunhando, todos os dias, as destoantes diferenças de recursos que são destinadas ao centro em detrimento da periferia. Fernanda Francisco Balisa e Nismária Alves David, em seu artigo: “A violência contra a mulher negra no conto ‘Maria’ de Conceição Evaristo”, falam sobre o trabalho doméstico exercido, em sua maior parte, pelas mulheres negras e tido como inferior:

Quanto ao trabalho doméstico, a inferiorização e a discriminação também são tipos de violência caracterizada pelo preconceito. Existe o preconceito no sentido de definir esse tipo de trabalho, como menos importante que os outros e, sendo este exercido na maioria das vezes, por mulheres consideradas pelos patrões como inferiores. Assim, vistas, como inferiores, vários patrões se eximem da obrigação de cumprir com o que lhes é devido, ou seja, o pagamento do valor real pelo serviço prestado é a obrigação de respeitar a pessoa como cidadã. (BALISA; DAVID, 2017, p. 9)

É muito utilizada, neste conto, a conversa de Maria com seu interior. A autora utiliza-se dessa estrutura como forma de levar o leitor a conhecer os sentimentos de Maria. Os monólogos de Maria falam de sua dor, seu sofrimento e suas dificuldades. De sua verdade interior. Maria, sem nenhum de seus filhos, num momento de muito sofrimento, sem possibilidade de dizer o que estava sentindo, começa a falar consigo mesma. É um falar cheio de dor, sofrimento pela sua triste e sofrida vida: "Esse tipo de dor ‘social’ no conto, é tornada mais viva pela subjetividade destroçada do personagem central e ainda é justificada porque Maria é violentada por ser pobre, por ser explorada pela patroa, por ser mulher e negra" (IENSTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 69).

Temos claras três configurações de violência: a violência psicológica, a violência simbólica e a violência física. A personagem principal do conto "Maria" vivencia um sofrimento físico, psicológico e, como consequência, é levada à morte. Essa ação inicia-se pela agressão verbal, tortura psicológica, que ocorre perante os palavrões a ela dirigidos por um dos passageiros do coletivo: “Negra safada, vai que estava de coleio com os dois”

(EVARISTO, 2014, p. 41); "Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!" (EVARISTO, 2014, p. 41). Ao ser submetida a tais xingamentos, a personagem teve seu psicológico afetado de forma dura. Iensterseifer e Porto falam sobre esse tipo de violência sofrida pela mulher no conto:

Entretanto, o conto ilustra também outra faceta da violência de gênero: o desprezo pela mulher negra, que sofre mais violência que a "branca". O fato de os passageiros incriminarem Maria e chamarem-na de "negra" e "safada" acentua um olhar depreciativo contra as mulheres negras que é resultado de um contexto histórico escravocrata e discriminatório em relação a essa raça no contexto contemporâneo, para além das décadas em que o sistema de escravidão se perpetuou. (IENSTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 70)

Após esse insulto, alguns passageiros do coletivo partem para a violência física. O passageiro do ônibus sente-se no direito de agredir a mulher: "Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem lascando um tapa no rosto da mulher" (EVARISTO, 2014, p. 42). E como se a violência já não bastasse: "Alguém gritou: Lincha, Lincha, Lincha! [...] uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria" (EVARISTO, 2014, p. 42). Tal violência chega ao extremo e termina com agressão física e morte da personagem, que tem seu direito à vida retirado pelo julgamento errado de um dos passageiros do ônibus, que dissera que ela estaria envolvida no assalto que ali ocorrera: "Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado" (EVARISTO, 2014, p. 42). A violência física sofrida por Maria a faz sangrar e tira sua vida. Segundo Iensterseifer e Porto:

Nesse sentido, a violência que culmina na morte de Maria é reflexo da violência contra as mulheres que, por serem consideradas psicologicamente frágeis, são mais propensas a agressões, sendo bodes expiatórios da ação humana. São ainda, tratadas como seres subalternos, sem expressão e sem voz. E, no caso do assassinato de Maria, isso fica explícito. Sua voz e sua tentativa de dizer que não fazia parte da dupla de assaltantes foram abafadas não foram sequer consideradas, rememorando o período colonial em que as mulheres- especialmente as negras - não tinham a possibilidade de fala. (IENSTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 69-70)

No primeiro trecho, percebemos claramente o machismo do homem que ofendera Maria, já que ele a julga sem saber a realidade dos fatos. Através de seu pré-julgamento, sente-se no direito de ofendê-la verbalmente, chamando-a de "negra atrevida": "As ofensas racistas suscitam o questionamento e ocasionam o espancamento, devido à suspeita de conspiração: a protagonista fora vítima de discriminação" (RODRIGUES; ALMEIDA, 2019,

p. 9). Alguns passageiros decidem linchar a personagem devido a sua suposta participação no assalto: “As poucas palavras trocadas com o seu ‘ex homem’ bastaram para ser acusada, de comparsa dos meliantes e ser linchada” (RODRIGUES; ALMEIDA, 2019, p. 9). Em nossa sociedade, infelizmente, ainda acontece a violência punitiva. Muitos partem para a agressão física sem tentar dialogar. Os passageiros se uniram para linchar a personagem através de uma suposição de um dos passageiros. Balisa e David afirmam que:

Diariamente, os jornais noticiam o crescimento da violência praticada nos grandes centros do Brasil, que se manifesta de diversas formas e que está causando a morte de inúmeras pessoas. Pode-se apontar que grande parte dos atos violentos praticados se origina do preconceito racial, herança deixada pelos colonizadores brancos, os quais julgavam que a raça ariana era superior. (BALISA; DAVID, 2017, p. 5)

Esse tipo de atitude vem do tratamento sofrido pelos escravizados. Aos escravizados foi ensinado desejar ter o poder do seu senhor. Para se manterem nesse patamar, foi-lhes exigido agirem assim, com essa violência contra seus semelhantes, visto que essa era a forma de agir do seu senhor com qualquer pessoa presente em seu mundo. Essa conduta desumana esteve presente no tratamento que o senhor mantinha nas relações estabelecidas com os escravizados:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 19)

Podemos perceber que os senhores de terra agiam como uns bárbaros, sem qualquer noção internalizada de limites em relação aos escravizados. O domínio social da classe privilegiada foi exercido pelo uso da violência. Essa foi, muitas vezes, imposta entre os próprios negros, quando criavam rivalidade entre os seus: "Uma vez que maridos e esposas, pais e filhas eram igualmente submetidos à autoridade absoluta dos feitores, o fortalecimento da supremacia masculina entre a população escrava poderia levar a uma perigosa ruptura na cadeia de comando" (DAVIS, 2016, p. 20). Irme Salete Bonamigo, em seu artigo "Violências e contemporaneidade", fala sobre essas cicatrizes que as mulheres negras sofreram e ainda sofrem pela sua condição de mulher e negra:

São cicatrizes que marcam o corpo e a alma, como o aprisionamento por meio dos grilhões e a dança do chicote que insiste em arrancar lágrimas e sangue. Mas Maria não está mais na condição de escrava punida pelo feitor ou pelo capitão do mato. Talvez seja pior: Maria está na condição de escrava de sua história, de seu povo, de sua memória. Maria está presa no jogo feroz e perverso do poder. Maria é reduzida, é simplificada, é fixada a sua natureza de mulher negra, é estereotipada. (BONAMIGO, 2008, p. 9)

Em busca de como sobreviver a tanto sofrimento, os personagens moradores de favela criaram noções deturpadas de justiça, as quais acabam sendo tão violentas quantos os próprios eventos rotineiros a que são submetidos. Indignados com o assalto e supondo que Maria fazia parte, se acharam no direito de resolver a questão: “Mais uma vez, o sistema de açoite aparece reconfigurado, o linchamento que ela sofreu era como a faca a laser, era mais uma forma moderna de pendurar o corpo negro e chicoteá-lo” (RODRIGUES, 2016, p. 9). Maria Dolores Sosin Rodrigues, em seu artigo: “Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão’: Racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo”, relata sobre essa condição racial: “[...] mas ressaltando como o racismo é um mecanismo perverso que vem tentando, a todo custo, gerar uma política de ódio entre as pessoas que fazem parte do mesmo grupo racial” (RODRIGUES, 2016, p. 8). O motorista do ônibus chega a parar o veículo e tenta acalmar os passageiros. No entanto, já era tarde:

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos [...]. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2014, p. 42)

Nada mais podia ser feito. Ela foi brutalmente assassinada por uma suposição de participação no assalto. Maria morreu sem sequer ser ouvida: “[...] vê-se assim, a violência contra a mulher acentuada pelo preconceito racial que condena os sujeitos à marginalidade e ao abandono e, ainda, à falta de possibilidade de voz e defesa” (IENSTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 70). Ela não teve nenhuma chance de se defender, nem de transmitir o recado ao filho. Jaime Ginzburg, em sua tese de livre docência *Críticas em tempo de violência*, fala sobre essa condição de mal entendido gerando situações violentas e refere-se, mais precisamente, às sociedades violentas e repressivas nas quais as vítimas não conseguem denunciar seu sofrimento:

Seres humanos vivem em comunidades linguísticas, mas elas não são livres de antagonismos, nada garante a inexistência de mal entendido, de imprecisões, equívocos. Mais ainda de jogos, mentiras, polissímias. A partir

das diferenças entre a linguagem do eu e do outro podem nascer aprendizagens, encontros, e também conflitos. (GINZBURG, 2010, p. 108)

A violência chegou ao seu limite, retirando a vida da personagem, mãe de três crianças, que ficaram sem ter quem as criasse.

Os pensamentos de Maria, mais uma vez, nos comovem porque estabelecem uma lógica diametralmente oposta pelas expectativas e confirmam o peso da sua preocupação em relação aos seus filhos. “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos [...] Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus”. (EVARISTO, 2014, p. 41).

Segundo Leite: “Essa preocupação com as crianças repousa sobre o peso que a ancestralidade enquanto valor civilizatório africano tem para a personagem”. (LEITE, 1984 apud RODRIGUES, 2016, p. 7).

Quantas "Marias" no cotidiano das grandes cidades não estão impossibilitadas de falar? Maria teve sua vida encerrada de forma cruel: “[...] tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado” (EVARISTO, 2014, p. 42).

A crueldade da ação dos passageiros contrasta com o sentimento de zelo de Maria pelos filhos para quem ela queria apresentar o melão, fruta que eles só conheceriam pela "doação" da patroa (a fruta havia sobrado bastante na festa) e o amor pelo ex companheiro cujo recado sobre como estaria o filho ela queria dar ao menino ao chegar em casa, como prova de que o pai o amava apesar da distância. (IESNTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 69)

Nesse momento de dor, ela se sente feliz em ter um recado agradável ao filho. Ela anseia por uma vida diferente para os filhos: “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2014, p. 40). Ela não tem consciência de que sua vida é de quem sobrevive e não vive e tem esperança de que seus filhos tenham mais oportunidades. O sentimento é de compaixão pela personagem principal, principalmente quando esta fora atingida pelo sofrimento sem qualquer motivo e destina seus pensamentos aos filhos: "Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebitado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?" (EVARISTO, 2014, p. 42). Como não ter piedade de uma personagem que, em meio às

agressões sofridas e à dor física, fica aflita em quem vai cuidar dos filhos? Sua preocupação é exclusiva com as suas crianças.

O termo "tragédia" é extremamente comum no vocabulário cotidiano do brasileiro. A violência está em toda parte e seu desenrolar vem sempre associado ao termo "tragédia": "A violência é frequentemente utilizada para tratar os que contestam a injustiça" (VIEIRA; DUPREE, 2004, p. 9). Esse olhar banalizado frente às mazelas que acontecem todos os dias em nosso planeta é o que impossibilita muitas pessoas de terem compaixão com o outro. Foi tirado de Maria o direito à vida; e, dos seus filhos, o de ter uma mãe. Segundo Rodrigues:

Assim, o fato de Maria ser uma mulher negra coloca a violência sofrida por ela nesse lugar de intersecção. Se fosse Maria uma mulher branca, os passageiros do ônibus não teriam entendido que ela estava na condição de parceira, ou que ela estava sendo constrangida pelo assaltante? Nada justifica. Se fosse Maria um homem e estivesse em coleio com os assaltantes, os passageiros do ônibus avançariam sobre ela com tamanha crueldade? Nada justifica. (RODRIGUES, 2016, p. 9)

Devemos converter esse olhar banalizado da vida, do mundo, da humanidade e termos um olhar de compaixão e solidariedade, principalmente com os grupos subalternos em nossa sociedade. Com essa reversão de sentimentos, do banal à compaixão, teremos retorno às condições humanas dignas a todos: "A desigualdade social e a econômica acionam a exclusão moral. Elas reduzem a percepção da igualdade entre os seres humanos, destruindo as condições de respeito dos direitos humanos" (VIEIRA; DUPREE, 2001, p. 8).

Concluimos, com isso, que as desigualdades sociais presentes no Brasil são frutos do nosso processo de colonização. Assim como o tratamento inferior dado aos negros. Para reverter tais padrões sociais, é preciso haver conscientização das mazelas impostas. A literatura e as artes em geral são os meios que temos para trazer à tona as reflexões que foram omitidas, a fim de que se busque transformação do imaginário da sociedade:

[...] a literatura permite que cada um possa reconhecer melhor a sua vida e seu espaço social compreendendo o mundo de que faz parte e também o de que literatura possibilita o exercício da alteridade no sentido de que o leitor poderá vivenciar a história do outro, de seu semelhante, compreendendo-o melhor e, por isso, humanizando-se. (IESNTERSEIFER; PORTO, 2018, p. 65)

Conceição Evaristo descreve tais fatos de forma realista, gerando em nós, leitores, uma profunda compaixão por esses indivíduos. Segundo Farencera, Silva e Morais:

Logo a escrita de Conceição Evaristo provoca o que Djamila Ribeiro chama de tomada de consciência e desestabilização da forma hegemônica imposta socialmente. Isso gera, além de conflito, mudança e incômodo, já que as vozes que até então eram silenciadas ou excluídas tem a oportunidade de romper o silêncio instituído. (FARENCENA; SILVA; MORAIS, 2019, p.7)

São esses sentimentos que Conceição desperta em seus leitores após a leitura dos seus contos. Sua leitura faz com que tenhamos a condição de colocarmo-nos em posição de reivindicar os direitos a essas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, procuramos fazer uma leitura de quatro contos da obra *Olhos d'água*, refletindo sobre a interseccionalidade e como ela afeta a vida das personagens. Os contos selecionados apresentam as formas de violência praticadas contra as mulheres e, em especial, as mulheres negras. Apresenta-se o racismo, a violência patriarcal, a pobreza, a opressão, que permeia a vida das afro-brasileiras e como elas lidam com a violência sofrida. A obra é marcada por questões relacionadas a gênero, pobreza, raça/etnia. Essas questões refletem principalmente na construção de identidades negras e femininas indo contra os padrões hegemônicos traçados socialmente e possibilitando a representação negra, sendo desconstruídos os estereótipos estabelecidos e instituindo um discurso de denúncia. Esta escrita mostra que a literatura afro-feminina está disposta a ter voz e vez, no âmbito brasileiro.

Referimo-nos ao “povo negro” por acreditarmos que essa escrevivência atua em campo maior que apenas na construção da memória do povo negro. Evaristo utiliza essa construção emancipatória narrativa e memorialista para relatar a história do povo negro. Conceição Evaristo, como um sujeito feminino, mulher negra e que já se encontrou na situação da pobreza relata essas diferenças e desigualdades. Ela dá voz às pautas relacionadas às mulheres negras dentro e fora do Brasil, provocando questionamentos nos espaços em que ocupa. A junção dessas diversas situações de opressão é o que faz com que haja tanta desigualdade, segundo a visão da escritora. É por isso que Conceição Evaristo vai justificar sua obra como “escrevivência”, já que escreve sobre uma condição: a experiência da mulher negra, pobre e favelada. Para a autora, pensar a experiência dessa categoria social, nos fragmentos que relata, é pensar o coletivo, uma vez que a vivência de uma pessoa se espelha em como é a rotina das demais, em situação parecida.

Um dos aspectos de maior relevância na obra de Conceição Evaristo é o de difundir a produção literária de autoria feminina negra no Brasil e no cenário internacional. As obras de Evaristo caracterizam-se pela ênfase na memória da autora e nos recontos orais ouvidos pela mãe e tias em sua infância e experiência das comunidades afro-brasileiras. Seu foco principal é a mulher negra e pobre e as sombras da escravidão que ainda pairam sobre o país. Incluem-se, também, em sua obra, a pobreza dos favelados, laços familiares e afetivos.

Misturamos a memória, vozes, corpos e histórias. Retornamos à origem, à ancestralidade, contexto em que o narrar é uma forma de reivindicação. O cânone literário brasileiro teria estigmatizado a mulher e, sobretudo, as afrodescendentes, como subalternas, visto que a sociedade patriarcal vem há anos repetindo esses moldes. Conceição Evaristo,

enquanto mulher que experimentou a pobreza e as dificuldades de ser negra, teria rompido com esses padrões através de sua escrita reivindicatória. O papel da escrita de Evaristo se volta para a reconstrução de papéis desempenhados pela mulher afrodescendente, uma vez que a autora não se desvencilha de sua condição de negra, mulher, oriunda das classes populares.

Os contos analisados revelam uma dificuldade maior apresentada pelas personagens como a cor, a condição social e o gênero. Nesses quatro contos o sofrimento enfrentado pelas personagens foi mais feroz, visto que todas se encontravam em condição social de pobreza. Ainda que se proclamem as mudanças sociais entre a mulher branca e a mulher negra, ela ainda é inexpressiva, pois cabe à mulher negra os menores salários e os serviços de menor prestígio social. Como podemos notar, isso contribui para a exclusão da mulher negra e pobre nas esferas sociais. O fenômeno da exclusão da mulher em nossa sociedade atinge especialmente as negras e pobres tornando suas vidas o mais miserável possível, tanto no setor econômico, quanto na esfera cultural e social. Nosso estudo aponta o quanto esses nós (gênero, raça/etnia e classe social) se interseccionam na construção do sujeito feminino presente nos contos de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo.

Evaristo pensa na questão da representatividade da mulher negra além dos estereótipos criados na literatura brasileira. Esta, durante muito tempo, apresentou o negro como ser inferiorizado. É preciso pensar nas formas de representação da mulher negra dentro do discurso literário para que entendamos que a linguagem negada à mulher é uma forma de tirar dela o poder de entender sua história e mudá-la.

A obra de Conceição Evaristo tem engajamento que denuncia as diversas formas de violência sofridas pelos negros, sobretudo pelas mulheres afro-brasileiras. O que vemos com a escrita de Evaristo é um desejo de libertar a figura da mulher negra e pobre de suas correntes culturais. Sua literatura é construída trazendo a vivência das mulheres pobres e negras, levando a três aspectos principais que de alguma forma passam a receber a importância no meio literário: o racismo, a pobreza provocada pela exploração capitalista e o sexismo enquanto produções culturais opressoras.

Apresentamos o narrar como forma de dar voz a um povo, o narrar como libertação, como chamar atenção a um povo que luta, sofre há séculos e começa a se fazer ouvir, através da literatura. A autora afro-brasileira cuja obra fora, aqui, analisada, retrata essa África como intrínseca ao sujeito afrodescendente, como incorporada em sua trajetória. Através da diáspora africana, Conceição dá voz ao seu povo.

Esse trabalho teve a intenção de contribuir trazendo para discussão a resistência e afirmação da identidade da mulher negra e pobre e a intenção de provocar engajamento junto a questões sociais enfrentadas por essas mulheres que atravessam a interserccionalidade. Evocamos as falas de Conceição Evaristo acerca da escrevivência, demonstrando como sua escrita se assemelha a do contador de histórias, referido por Walter Benjamin.

Conceição Evaristo traz, em sua escrita, um conceito criado por ela: a Escrevivência, que traduz as experiências vivenciadas pelos negros, sobretudo pelas mulheres negras e pobres. Assim como esse narrador que imprime sua marca, Conceição Evaristo, através da sua escrevivência, imprime a marca daqueles que querem refletir o lado humano. Possibilita, assim, repensar a forma como é encarado o afrodescendente. Sua literatura é escrita de dentro pra fora. Vem do fundo da alma e nos coloca como se estivéssemos sentindo, junto ao povo que fora escravizado e subalternizado, suas dores e as lutas enfrentadas pelos personagens de seus contos. Sua escrita é uma escrita VIVA.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Tradução Joaquim José de Moura Ramos Lisboa: Editorial Presença, 1980, p. 10-111.

ANDRADE, Lucas Toledo de. Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na Literatura Afro-brasileira contemporânea em "Olhos d'água" de Conceição Evaristo. *Revista Entrelaces*, v.1, n. 14, out/dez (2018), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ARAÚJO, Eliza de Souza Silva; SCHNEIDER, Liane. Ana Davenga, de Conceição Evaristo: A língua plural do corpo. *Revista Uniandrade*, Universidade Federal da Paraíba, 2015.

AZEVEDO, Natanael Duarte; MELO, Iran Ferreira de. A construção do Feminino em "Olhos d'água de Conceição Evaristo: uma análise de Performances Pós-Identitárias de Gênero. *Revista Línguas e Letras*, v. 18, n. 40, Pernambuco, 2017.

BALISA, Fernanda Francisco; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto "Maria" de Conceição Evaristo. *Litterata*, Ilhéus, v. 7, n. 1, 2017.

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.

BARUFFI, Helder. A educação como um direito social fundamental: positivação e eficácia. *Educação e Fronteiras, On-line*, Dourados/MS, v.1, n. 3, p.146-159. set./dez. 2011. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1522/900>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

BENJAMIN, Walter. *Magia técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Prefácio J.M. Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Brasília: Casa Civil, 2006.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Poemas Malungos: Cânticos Irmãos*. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.

BONAMIGO, Irme Salette. Violência e contemporaneidade. *Revista Katal*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 204-213, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 2-17.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BOSI, Éclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. *A escrita e os excluídos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 257-269.

BUONICORE, Augusto César. Ideologia e hegemonia na obra de Gramsci. *Revista Princípios*, São Paulo, v. 21, maio/jul.1991. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/21/cat/2166/ideologia-e-hegemonia-na-obra-de-gramsci-.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

BUTLER, Judith. “Feminismo e subversão da identidade”. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Mateus; BIANCHI, Paula. *Conceição Evaristo The Intercept Brasil*. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CANDIDO, Antonio. “Direito à literatura”. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1988.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.

CANCIAN, Renato. *Especial para a página 3: pedagogia e comunicação, sociologia: intelectuais, pensadores e classes sociais [2008?]*. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/intelectuais-2-pensadores-e-classes-sociais.htm>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CARDOSO, Sebastião Marques; SILVA, Elen Sousa da. Representações de Violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v.1, n. 43, p. 59-74, jul/dez 2017. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1038/910>. Acesso em: 25 ago. 2019.

CERQUEIRA, Janice Souza. *Da literatura Afro-brasileira à poesia Afrofeminina de Conceição Evaristo* Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana, 2017.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-32.

COLLING, Leandro. A heteronormatividade e a abjeção - os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1998 a 2008). *VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT)*, Salvador, 25 a 27 maio de 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24611.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CORRÊA, Maria Paula de Jesus. Olhos d'água de Conceição Evaristo. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 31, p. 349-353, jun. 2017.

CORTEZ, Marina; GAUDENZI, Paula; MAKSUD, Ivya. Gênero: percursos e diálogos entre os estudos feministas e biomédicos nas décadas de 1950 a 1970. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312019000100601&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 abr. 2020

COSE, Stelamaris. *Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos*. [2015?]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/193-conceicao-evaristo-circuitos-transnacionais-entrelacamentos-diasporicos-critica>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero*. Tradução Liane Schneider. Los Angeles: University of California, 2002.

DALCASTAGNÉ, Regina, *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, 2012. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Rafaela Kelsen. "Gênero e etnia: uma escrevivência da dupla face". In: SCHNEIDER, N.M. de B.M.L. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

DIAS, Rafaela Kelsen. *Igual a todas, diferente de todas: a re-criação da categoria “Mulher” em Insubmissas lágrimas de Mulheres*, Conceição Evaristo. 2015. 132f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2015.

Disponível em:

<<https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Rafaela%20Kelsen.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

DIÓGENES, Samea Rafaela Lopes da Silva; CARDOSO, Sebastião Marques. Representação do corpo subalterno da mulher negra em contos de Conceição Evaristo. *Revista Textura*, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.

DORE, Rosemary; SOUZA, Hebert Glauco de. Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia. *Caderno de Pesquisa*, São Luis, v. 25 n. 3, jul./set. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/articte/view/996/5854>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

DUARTE, Eduardo Assis. Conceição Evaristo (Depoimento). In: FONSECA, Maria Nazareth (Org.). *Literatura e Afrodescendência: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica, consolidação*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 207-217 (Vol. 2).

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dictionnaire, encyclopédique de sciences du language*. Paris: Seuil, 1972. p. 2.

EVARISTO, Conceição. *Vozes-mulheres*. 1990. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escrevivênciada dupla face”. In: SCHENEIDER Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*, João Pessoa: Ideia, 2005.

EVARISTO, Conceição. Breves reflexões sobre a literatura afro-brasileira. *Revista Olonadé- O teatro dos comuns*, Rio de Janeiro, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição, Literafro-Autoras-Dados Biográficos, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas malungos: cânticos*. 2011. 178f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011. p. 50-80.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: UFF, 2013.
Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rft>. Acesso em: 26 ago. 2019.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *A literatura está nas mãos de homens brancos*. 2018.
Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-literatura-esta-nas-maos-de-homens-brancos/>> Acesso em: 6 mar. 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

FARENCENA, Ilcemara Regina; SILVA, Olívia Aparecida; MORAIS, Maria Perla Araújo. Maria e Duzu-Querença: o lugar de fala nos contos de Conceição Evaristo. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 412, 2019.

FERREIRA, Amanda Crispim. *A memória em poemas da recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo*. 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr02AmandaCrispim.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FLOIS, Larissa Lopes. “Olhos d'água (2014) de Conceição Evaristo: gênero e violência contra a mulher na cultura brasileira”, *XIII Seminário Nacional de Literatura História e Memória, UNIOESTE*, Cascavel PR 22 a 24 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/18/simp18art05.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

FONSECA, Maria Nazareth (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte- UFMG, 2011. p. 103-116.

FRANÇA, Fábio Gomes de. Da ideologia ao poder: reflexões sobre o paradigma da humanização policial militar no Brasil. *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, v. 1, n. 2, p. 39-65, jul./dez. 2017.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico: *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: Senac, 2005, p. 41-95.

GINZBURG, Jaime. *Críticas em tempo de violência*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2010.

GOMES, Elisângela Oliveira. *A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*. Juiz de Fora: UFJF, 2017.

GOMES, Heloisa Toller. *Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afrodescendente*. Belo Horizonte. [2017?]. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/526-visiveis-e-invisiveis-grades-vozes-de-mulheres-na-escrita-afro-descendente-contemporanea-heloisa-toller-gomes>>. Acesso em: 11 set. 2017.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. Trad. Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 13-38, 224-234, 343-357.

HOMENAGEADA: Conceição Evaristo. 2018. Disponível em: <<http://flinksampa.com.br/homenageado/>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

IANNI, Octavio, "Literatura e Consciência". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1988.

IENSTERSEIFER, Daniel Pulcherio; PORTO, Luana Teixeira. "Literatura e Direitos humanos: Uma relação descrita em contos brasileiros contemporâneos". *Revista Literatura em Debate*, v. 1/2 n. 22, p. 57-74, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

KRUG, Etienne G.; DAHBERG, Linda L. "Violência: um problema global de saúde pública". *Ciência e Saúde Coletiva*, [S. l.], 1163-1178, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2020.

LIMA, Juliana Domingos de. [Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’]. 2017. Entrevista concedida ao *Jornal Nexo* em 26 maio de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pelacondi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 13 maio 2020.

LOURENÇO, Camila Morgana. O lugar “não lugar” da mulher afro-brasileira na poética de Conceição Evaristo: uma leitura de Olhos d'água. *Abralic – Congresso Internacional*, 30 jul. a 3 ago. 2018. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547745559.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MACHADO, Bárbara Araújo, *Recordar é preciso*. Conceição Evaristo e a intertextualidade negra no movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). Universidade Federal Fluminense Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2014.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA: Trabalho doméstico: mulheres negras são a maioria na categoria e têm os piores salários. 2015. Disponível em: <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/trabalho-domestico-mulheres-negras-sao-a-maioria-na-categoria-e-tem-os-piores-salarios/>>. Acesso em: 25 maio 2020.

PAIM, Luciane de Lima; UMBACH, Rosani Ketzer. Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d'água de Conceição Evaristo. *Literatura e Autoritarismo*, Dossiê nº 20, Ressignificando histórias, Santa Maria, p. 175-188, 2017.

PASSOS, Úrsula. [Sem medo de fazer gênero: entrevista com a filósofa americana Judith Butler]. 2015. Entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, em 20 set. 2015. Disponível em:

<<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683172-sem-medo-de-fazer-genero-entrevista-com-a-filosofa-americana-judith-butler.shtml>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-509.

PONCE, Eduardo Souza, GODOY, Maria Carolina de. “Ancestralidade e Identidade em “Olhos d’água” de Conceição Evaristo”. *Anais do VIII Colóquio de Estudos Literários Diálogos e Perspectiva*. Londrina (PR), p. 163-170, Londrina, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento Justificando, 2017.

RICHARTZ, Terezinha. *Paradoxos da implementação da lei de cotas para cargos no legislativo paulista nos partidos PT, PSDB e PFL*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). São Paulo, 2007, p. 26-52.

RODRIGUES, Ana Caroline Genésio; ALMEIDA, Maria Aparecida Nascimento de. *Recortes da subalternização feminina em Olhos d’água de Conceição Evaristo*, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2019.

RODRIGUES, Elaine de Souza Pinto. “*Não tem como segurar essa ventania*”: afirmação da identidade negra em *Filhas do Vento*, de Joel Zito Araújo. 2018. 136 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações. 2018. Disponível em: <https://www.unincor.br/images/imagens/2018/mestrado_letras/dissertacao_elaine.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

RODRIGUES, Maria Dolores Sosin. “Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão”: Racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo”. *Revista Inventário*, Salvador, n. 19, 2016.

SAFFIOTI, Heleitch I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleitch I.B., *Gênero, patriarcado, violência* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 13-43.

SANTOS, Célia Regina; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 337-352.

SANTOS, Dayvid de Farias, *A educação em direitos humanos como direito na educação básica*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2016.

SCOTT, Ana Silvia, “O caleidoscópio dos arranjos familiares”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, 1990.

SILVA, Cristiane Rodrigues Antunes da S. *Violência contra a mulher negra* [manuscrito]: uma leitura de *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Montes Claros: Unimontes, 2017, 98 f.

SILVA, Fernanda Felisberto da. *Escrevivência na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas: uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Angelou e Zora Neale, Hurston*. 2011. 154f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Adriana Soares de, *Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, p. 30-40.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa, Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SUBALTERNO. In: *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/subalterno/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. *Conceição Evaristo, Federico Andahazi, Marina Colasanti, Edegar Pretto e Nadine Gasman debatem igualdade de gênero*. 2017. Disponível em: <<https://www.upf.br/noticia/conceicao-evaristo--federico-andahazi--marina-colasanti--edegar-pretto-e-nadine-gasman-debatem-igualdade-de-genero>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

VIEIRA, Oscar Vilhena; DUPREE, A. Scott, *Reflexões acerca da sociedade civil e dos direitos humanos*. São Paulo: [s. n.], 2004.

ZOLIN, Lúcia Osana, Literatura de autoria feminina. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá; EDUEM, 2009- p 327- 336

SITES

LITERAFRO- O portal da literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceição-evaristo>>. Acesso em: 17 de fev. 2020.